

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

KÁTIA FERNANDES BERNARDO

**SOBRE LINGUAGEM E INTERAÇÃO NUMA INSTITUIÇÃO DE LONGA
PERMANÊNCIA PARA IDOSOS**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2015**

KÁTIA FERNANDES BERNARDO

**SOBRE LINGUAGEM E INTERAÇÃO NUMA INSTITUIÇÃO DE LONGA
PERMANÊNCIA PARA IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Patologias da Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Ivone Panhoca

Coorientadora: Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2015

Bernardo, Kátia Fernandes.

B444s Sobre linguagem e interação em uma instituição de longa permanência para idosos / Kátia Fernandes Bernardo; orientadora: Ivone Panhoca; Coorientadora: Nirvana Ferraz Santos Sampaio. -- Vitória da Conquista, 2015.
63f. : Il.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2015.

Referências: f. 62-63.

1. Neurolinguística discursiva. 2. Idosos - Linguagem. I. Panhoca, Ivone. II. Universidade Estadual Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. T.

CDD: 616.855

Catologação na fonte: Elinei Carvalho Santana – CRB 5/1026
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: On language and interaction in a long-term institution for the elderly

Palavras-chave em inglês: Language. Interaction. Brain function. Brain plasticity.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Ivone Panhoca (Presidente-Orientadora); Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (Coorientadora-UESB); Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello Pires (UESB); Profa. Dra. Evani Andreatta Amaral Camargo (CUMML)

Data da defesa: 31 de agosto de 2015

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

KÁTIA FERNANDES BERNARDO

**SOBRE LINGUAGEM E INTERAÇÃO NUMA INSTITUIÇÃO DE LONGA
PERMANÊNCIA PARA IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 31 de agosto de 2015.

BANCA EXAMINADORA



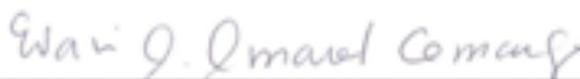
Prof.ª Dr.ª Ivone Panhoca (UESB)
(Orientadora)



Prof.ª Dr.ª Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)
(Coorientadora)



Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghisello Pires (UESB)



Profa. Dra. Evani Andreatta Amaral Camargo (CUML)

Para Mel, esposo, amigo e parceiro,
Presença constante em minha vida.

Aos meus filhos, Beca, Bia, Aninha e Elias
Razões para nunca desistir

Aos meus pais e irmãos, companheiros de
Longa jornada e amor incondicional

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, responsável por minha formação superior desde a graduação.

À Capes , pela bolsa concedida.

À Professora Ivone Panhoca, por sua orientação e por ter aceitado participar deste trabalho.

À Professora Nirvana, muito além de uma co-orientadora, por despende tempo comigo e com generosidade e paciência conceder-me, desde a graduação, a oportunidade de ser uma pesquisadora.

À Professora Edvânia pela participação da banca de qualificação e pelos ensinamentos a respeito dos preceitos ensinados por Foucault e pela correção do capítulo 2.

À professora Carla, por sua participação na banca de qualificação e de defesa e por suas dicas pertinentes.

À GM, que abriu a sua vida para mim com generosidade, partilhou suas dores, sonhos, dúvidas e seu dia-a-dia, permitindo que esta pesquisa acontecesse.

Ao meu marido, por todo apoio neste momento importante em minha vida acadêmica.

Aos meus filhos, Beca, Bia, Aninha e Elias, razão para sorrir, produzir e viver.

Aos meus pais, Aurelino e Neuzete, que sempre acreditaram em mim e em minha capacidade.

Aos meus irmãos, Nadir, Sandra e Júnior, companheiros desde a infância nesta jornada.

Sou grata ao Salvador Jesus Cristo, cujo amor e feitos inexplicáveis promovem a fé e esperança em minha vida.

RESUMO

Neste estudo, apresentamos a linguagem de um sujeito, morador de uma Instituição de Longa permanência (ILPI). Deste modo, buscamos expor o que pode ser dito a respeito da linguagem de um morador de uma ILPI, sua relação com o outro e ainda, o trabalho realizado pela Instituição para promover a manutenção e reconstrução da linguagem dos idosos. Procuramos analisar qual a influência da instituição asilar no funcionamento da linguagem do sujeito em questão, GM. Assim sendo, para alcançar tais objetivos, partimos dos pressupostos da Neurolinguística Discursiva (ND), por entendermos que seu arcabouço teórico metodológico permite a avaliação da linguagem em funcionamento, levando em conta a variação determinada pela contextualização histórica dos processos linguístico-cognitivos. Destarte, fizemos uma relação entre a questão da regeneração das funções cerebrais, amplamente discutida hoje na área das neurociências, e a perspectiva sócio cultural formulada por Vygotsky (1989) que afirma que a interação com o outro é responsável pelo aprendizado e pelo desenvolvimento do indivíduo. Ainda apontamos os estudos sobre Reserva Cognitiva (RC), comandado por Stern (2009), que corroboram com a ideia de que não só o ambiente atual, mas todo o histórico de vida do indivíduo influencia em sua capacidade de manter e/ou recuperar suas funções cerebrais, incluindo a linguagem.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem. Interação. Função cerebral. Plasticidade cerebral.

ABSTRACT

On this research, we present the language of a subject, The Institutions of Long Permanence for Aged (ILPI). Thus, we seek to expose what can be said about the language of a resident of a ILPI, their relationship with each other and also the work done by the institution to promote the maintenance and reconstruction of the language of the elderly. We tried to analyze the influence of the nursing home in the functioning of the subject's language in question, GM. Therefore, to achieve these goals, we set out the assumptions of Neuro Discourse (ND), because we believe that its methodological theoretical framework allows evaluation of language in operation, taking into account the variation determined by the historical context of linguistic and cognitive processes. Thus, we have made a link between the issue of brain regeneration, widely discussed today in the area of neuroscience, and socio-cultural perspective formulated by Vygotsky (1989) which states that the interaction with each other is responsible for learning and the development of the individual. Also pointed out the studies on cognitive reserve (CR), led by Stern (2009), which corroborate the idea that not only the current environment, but all the individual's life history affects its ability to maintain and / or recover their brain functions, including language.

KEYWORDS

Language. Interaction. Brain function. Brain plasticity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	13
2.1 A Neurolinguística Discursiva	13
<i>2.1.2 A perspectiva da linguagem na Neurolinguística Discursiva</i>	<i>15</i>
2.2 O cérebro como um Sistema Funcional Complexo.....	16
2.3 A Neuroplasticidade e a Perspectiva Sócio-histórico-cultural.....	20
<i>2.3.1 Neuroplasticidade.....</i>	<i>20</i>
<i>2.3.2 Abordagem Sócio-histórico-cultural.....</i>	<i>21</i>
<i>2.3.3 A Plasticidade no cérebro lesionado</i>	<i>22</i>
3 AS INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS.....	25
3.1 Instituições Asilares	25
3.2 O Abrigo Nosso Lar	27
3.3 Disciplina e biopoder	30
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	34
4.1 Natureza do estudo	34
4.2 Dados do sujeito	35
4.3 Método de Coleta de Dados.....	37
4.4 Método de Análise de Dados	39
5 ANÁLISES E DISCUSSÕES	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

As relações dialéticas exercem ação sobre o homem e influencia seu comportamento e desenvolvimento. Deste modo, o homem é capaz de agir sobre o ambiente e modificá-lo segundo suas necessidades, que geram aprendizado e desenvolvimento, num movimento de dentro para fora e de fora para dentro essa interação é exercida pelas funções superiores do cérebro, como a percepção, atenção e memória e, possibilitada, sobretudo, por meio da linguagem (Vigotsky, 1989). Em consonância com estas ideias, os estudos neurocientíficos atestam que todo o Sistema Nervoso (SN) é dotado de capacidade de se regenerar, em todos os estágios da vida do ser humano, mas é mister que haja um estímulo externo para que isto aconteça (ANNUNCIATO; OLIVEIRA, 2004).

A partir destes pressupostos, o que pode e deve ser dito a respeito da linguagem de um sujeito morador de uma Instituição de Longa Permanência para idosos (doravante, ILPI)? Há de se considerar a sua relação com o outro e o trabalho realizado pela Instituição para a manutenção da linguagem. Ainda, nesse ínterim, deve-se considerar a perspectiva linguística que rege os trabalhos da ILPI.

A Instituição estudada neste trabalho recebe muitos voluntários técnicos e especialistas vindos de muitas escolas e universidades da cidade de Vitória da Conquista, interessados em realizar estágios, se especializarem em suas diversas áreas ou apenas para prestar serviços abnegados.

A área de neurolinguística do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) manteve pesquisadores e estudiosos da linguagem por um tempo na Instituição, cujo intento primeiro era avaliar a linguagem comprometida por patologias e mais especificamente trabalhar com afásicos. Daí surgiu o interesse para este trabalho, pois, começou-se a perceber que, embora houvesse um cuidado especial com as necessidades físicas dos moradores e até atividades sociais esporádicas, como comemorações de datas especiais, além das raras visitas recebidas por parentes - os idosos tinham poucas oportunidades de conversar ou fazer uso da linguagem de maneira a contribuir para a manutenção de sua individualidade e se mostrarem como sujeitos. Verificamos na fala de GM, moradora do abrigo, que raramente os idosos conversam entre si ou partilham conhecimento. A conversa é reservada para os funcionários ou visitantes, no caso dos primeiros, as conversas adquirem mais um caráter de relação cuidador e paciente, o cuidador faz perguntas sobre a condição física ou estado atual do interno, avisa o que vai suceder, se vai trocá-lo ou é hora do banho ou outro procedimento qualquer, o que não leva a um diálogo,

uma troca. No segundo caso, são relações superficiais que, geralmente não passam de cumprimentos e conversas “sociais”, por que, em geral, os visitantes são desconhecidos, pessoas da comunidade espírita ou de outras religiões que vão visitar o Asilo e não um idoso específico, então, passa pelos vários quartos cumprimentando ou deixando uma mensagem de cunho religioso.

No caso, deste trabalho, partimos da hipótese de que a falta de atividade específicas, ou mesmo inespecíficas, ou seja, o ambiente pobre em estímulos cognitivos e a “segregação” própria das Instituições asilares, contribuem para o declínio da linguagem oral do sujeito institucionalizado.

Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo geral:

(i) analisar a influência da instituição asilar no funcionamento da linguagem de GM.

E mais especificamente:

(ii) observar as mudanças ocorridas na linguagem do sujeito em seis meses de acompanhamento.

(iii) caracterizar a dinâmica e a contribuição do ambiente nas mudanças ocorridas na linguagem no decorrer do acompanhamento do sujeito institucionalizado.

Para alcançar tais objetivos, partimos dos pressupostos da Neurolinguística Discursiva (ND), por entendermos que seu arcabouço teórico metodológico permite a avaliação da linguagem em funcionamento, levando em conta a variação determinada pela contextualização histórica dos processos linguístico-cognitivos. Tendo em vista que a neurolinguística tradicional, orientada pelos estudos localizacionista do cérebro e por uma visão equivocada do estruturalismo linguístico, segundo Coudry (1995, p. 12), tomam a “(...) língua como código, a fala como ato fisiológico, o discurso como uma sequência hierárquica de palavras e sentenças e a linguagem como conduta verbal”. Por isso, desconsidera fatores como a cena enunciativa, a cultura, a história, as condições psicoafetivas e sociais dos interlocutores.

Coudry e Morato (1990), apoiadas em autores como Vygotsky (1987) e Pêcheux (1990), ampliam a concepção de Neurolinguística, enfatizando que seu interesse é a produção de sentido. Ou seja, nesta perspectiva a relação discurso e cognição é vista de modo dinâmico, histórico e integrado, pois é no discurso que o conhecimento individual e o coletivo entram em relação, revelando-se a subjetividade. Aqui se aplica o conceito de linguagem como atividade constitutiva, formulado por Franchi (1977) e fundamental para a ND, assim como, a noção de funcionamento cerebral dinâmico e integrado, desenvolvido por Luria (1981), a

partir do pressuposto de Vigotsky (1987) de que não há processo cognitivo sem a participação direta ou indireta da linguagem.

Como a maior parte do trabalho foi feito e avaliado a partir do diálogo em turnos, precisamos utilizar alguns princípios e/ou métodos da Análise da Conversação a fim de atentarmos para objetos como repetições, pausas, manutenção do tópico conversacional e as trocas de turnos conversacionais.

Outros fatores chamaram nossa atenção como a questão da nomeação, pois, o sujeito em questão, tem um nome utilizado para referenciar as pessoas para as quais não se lembra do nome, ou mesmo pessoas que não conhece, mas o nome é sempre o mesmo: “Santinha”. Neste momento, apelamos à noção de palavra de Luria (1986), pois, segundo o autor existe uma rede de associações semânticas, a qual se recorre quando não se consegue evocar uma palavra.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Novaes-Pinto (2009, p. 279), explica que um dos métodos associativos – as associações livres, utilizado por Freud e sobre o qual se baseia o trabalho da psicanálise,

[...]indica que as redes semânticas podem estar determinadas por processos cognoscitivos – de caráter situacional ou conceitual – ou por processos afetivos, às vezes por tendências encobertas ou por vivências. Nas palavras de Luria: “por trás de cada palavra, está, obrigatoriamente, um sistema de enlaces sonoros, situacionais e conceituais. A palavra é uma rede potencial de enlaces multidimensionais. (NOVAES-PINTO, 2009, p. 279).

Isso coloca a palavra não apenas com a função de nomear as coisas, mas de dar sentido a elas, uma vez que, segundo Luria, “a palavra designa as coisas e individualiza suas características. Designa ações, relações, reúne objetos em determinados sistemas. Dito de outra forma, a palavra codifica nossa experiência” (LURIA, 1986, p. 28). Por isso, nos interessa aqui também saber, por que em determinados momentos ela nomeia as pessoas com o codinome “Santinha” e não outro.

Todos estes objetos linguísticos foram destacados com o objetivo de, como dito anteriormente, avaliar a influência do ambiente nos processos interativos-discursivos de um sujeito em situação asilar.

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos, além da Introdução, das considerações finais, referências e dos anexos. No primeiro Capítulo, expomos o referencial teórico-metodológico que rege este estudo, ele foi subdividido com a intenção de esclarecer mais detidamente o arcabouço teórico, bem como a perspectiva de linguagem e cérebro, que

escolhemos para amparar nossa pesquisa. Nesse mesmo capítulo, demos ênfase a neuroplasticidade e a abordagem sócio-histórico-cultural. Assim, fizemos uma relação entre a questão da regeneração cerebral, amplamente discutida hoje na área das neurociências, e a perspectiva sócio cultural formulada por Vigotsky (1989) que afirma que a interação com o outro é responsável pelo aprendizado e pelo desenvolvimento do indivíduo. Ainda apontamos os estudos sobre Reserva Cognitiva (RC), comandado por Stern (2009), que corroboram com a ideia de que não só o ambiente atual, mas todo o histórico de vida do indivíduo influencia em sua capacidade de manter e/ou recuperar suas funções cerebrais, incluindo a linguagem.

No Capítulo dois, As Instituições de Longa Permanência, além de expor um pouco da história das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) e a história da ILPI onde reside nossa colaboradora GM, o Albergue Nosso Lar, abordamos a questão da disciplina e o biopoder, conceitos criados por Foucault, para compreendermos as instâncias de poder que legitimam as Instituições deste tipo.

No capítulo três, mostramos a metodologia adotada na pesquisa, explicamos a natureza do estudo deste estudo, qual o método utilizado para a coleta e análise de dados.

Já no quarto capítulo são feitas as análises dos dados-achados, para, por fim, expor nossas conclusões sobre o trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste capítulo discutiremos o arcabouço teórico-metodológico da Neurolinguística Discursiva, cujos pressupostos norteiam este trabalho.

2.1 A Neurolinguística Discursiva

Nascida dos estudos da afasiologia, a Neurolinguística tem recebido diversas definições e descrições de seu campo de atuação. Este é tão amplo, que só poderia ser explicado a partir da complexidade da relação entre os objetos que tenciona explicar: a relação entre o cérebro, linguagem e cognição. De fato, os dois objetos, cérebro e linguagem, por si só, já se constituem como algo complexo e de difícil definição.

Morato (2001), diz:

Não sendo linguagem, cérebro e cognição capacidades apriorísticas, é lícito pensar que se definem pela práxis significativa humana, reúnem-se pelo que são significativamente, pelo que significam, pelo que fazem significar em nós (MORATO, 2001, p. 148).

Dessa forma, não se pode determinar uma capacidade média nem para o cérebro e nem para a linguagem, pois, além de interdependentes, são influenciados por fatores humanos, como cultura, história e subjetividade, o que confere a ambos um caráter instável e heterogêneo.

Por isso, a disciplina “passeia” na fronteira de várias outras da área de conhecimento humano, que podem ajudar a explicar os vários processos elaborados pelo (e no) cérebro e pela (e na) linguagem e pela relação entre ambos.

Assim, ainda correndo o risco de uma definição redutora, pode-se dizer, segundo Morato (2001), que a Neurolinguística se ocupa, geralmente, da cognição humana e mais especificamente da linguagem e dos processos ligados a ela. Dentre esses múltiplos interesses da disciplina estão a linguagem na demência e em outros estados patológicos, bem como os processos alternativos de significação utilizados pelos sujeitos afetados por essas patologias e outros contextos.

Segundo Coudry (2001, p.33), ao avaliar os efeitos patológicos (ou o contexto do ambiente, como em nosso caso aqui) e a reconstituição da linguagem no sujeito, “um linguista bem formado” deve cuidar de não tomar como referência modelos teórico/metodológicos que excluem o próprio sujeito, pois, é “o sujeito que fala e não a língua que fala através dele”

(COUDRY E POSSENTI, 2010). Seguindo em direção a essa advertência, escolhemos como base desse trabalho o arcabouço teórico/metodológico da Neurolinguística Discursiva (ND).

A ND ocupa-se, portanto, dos processos interacionais da linguagem, das relações entre os processos cognitivos, a linguagem, e as condições de produção. Por isso, exige um trabalho assentado em situações dialógicas, que consentem que a linguagem desempenhe seu papel regulador e organizador (MARCOLINO, 2008). Ao mesmo tempo a ND evita trabalhar com testes ou formulários, pois, conforme Coudry (1986; 1988, p.15) tais procedimentos não reportam as relações de interlocução, não tornam claras as “intenções discursivas”.

Sobre os pressupostos da ND, Coudry (2010) esclarece:

A ND pressupõe uma variação funcional do cérebro determinada pela contextualização histórica dos processos linguístico-cognitivos (Vygotsky 1984, 1987, Luria 1979, Coudry e Morato 1988, 1990), o que a afasta de uma visão de funcionamento cerebral médio, padrão, por ser desprovida de sentido, a-histórica e idealizada. Por isso se opõe à ideia de uma divisão estrita entre o que é da ordem do *normal* e do *patológico*. [...] Importa assim, a relação heterogênea entre *sujeito* e *linguagem*, e não uma relação preestabelecida entre a *falta* (para se atingir a normalidade) e a *patologia*; importam, assim, sujeitos comuns marcados por sua relação com a linguagem oral/escrita, práxis e percepção, e não sujeitos idealizados. (COUDRY, 2010, p.24)

Não há uma norma padrão pela qual todo sujeito e em qualquer contexto se comportará de uma determinada forma, pois, no uso funcional da linguagem, o falante a todo o momento utiliza recursos alternativos para preencher déficits sejam eles temporários, como lapsos de memória causados por estresse ou tensão, ou crônicos, como esquecimentos causados por lesão cerebral. A questão para a ND é como se dão esses processos e seus significados que se aproximam e, ao mesmo tempo, se afastam do que é considerado “normal”.

Segundo Coudry (2008), considerar que existem processos alternativos de significação utilizados por sujeitos demenciados:

(...) significa supor que é sempre possível dizer de outra maneira o que (não) se disse. Ou seja, a linguagem se apresenta sempre incompleta em relação ao dito intencionado (Freud, 1901/1969) que se põe em palavras (envolvendo o corpo, gestos, percepções, associações, expressões faciais) no que é dito por um e compreendido pelo outro. Na interlocução, enfrentam-se as mais variadas condições em que se dá o dizer/fazer/mostrar (COUDRY, 2008, p. 10).

Ao considerar os processos alternativos na linguagem do sujeito, a ND considera também a singularidade do sujeito e sua relação com os fatores sociais, culturais e históricos que constitui a sua linguagem e o constitui como indivíduo. Ou seja, o indivíduo é considerado em sua subjetividade, como sujeito de sua própria história.

2.1.2 A perspectiva da linguagem na Neurolinguística Discursiva

A visão da linguagem que rege os pressupostos da Neurolinguística Discursiva (DA) é a mesma pautada por Franchi (1992) que a concebe como um lugar de interação humana. Para esta perspectiva, o sentido é apreendido a partir do contexto social, histórico e ideológico, sendo característica principal dessa noção de linguagem, o diálogo. Segundo o autor, “a linguagem designa um processo que não está sujeito a um conjunto estável e permanente de categorias, pois responde à provocação da imaginação; que *constitui, mas não se institui*; que não se fixa, mas retoma e se renova”. (Franchi, 1992, p. 31). Dessa forma, Franchi (1976) rejeita toda a redução da linguagem a um sistema formal.

Ele reafirma:

Bem repetindo Humboldt, a linguagem é um processo, cuja forma é persistente, mas cujo escopo e modalidades do produto são completamente indeterminados; em outros termos, a linguagem em um de seus aspectos fundamentais, é também um instrumento de subversão das categorias e criação de novas estruturas. Nesse sentido, a linguagem não é somente um processo de representação, de que se podem servir os discursos demonstrativos e conceituais, mas ainda uma prática imaginativa que não se dá em um universo fechado e estrito, mas permite passar, no pensamento e no tempo, a diferentes universos, mais amplos, atuais, possíveis ou imaginários (FRANCHI, 1976, p. 54).

A linguagem aqui é entendida como uma das funções mentais superiores, que faz com que sejamos humanos. Para Luria (1987), a linguagem é entendida como um “complexo sistema de códigos, formado no curso da história social”, capaz de designar coisas concretas e suas relações. Esse autor define que, por meio dessa linguagem, “o homem adquire algo assim como uma nova dimensão da consciência, nele se formam imagens subjetivas do mundo objetivo que são dirigíveis, ou seja, representações que o homem pode manipular, (...)” (LURIA, 1987, p.33).

É importante citar que, sobre esse aspecto, Vigotsky (1989) também aponta a linguagem como um fenômeno essencialmente humano, histórico e cultural.

Logo, para este estudo, consideramos a linguagem enquanto atividade constitutiva do ser humano, levando em conta o seu processo de reconstrução em meio a uma situação discursiva.

A respeito desta concepção de linguagem, Coudry (1988/2001, p.56) afirma que:

(...) a linguagem não se usa senão em situação concretas e em relação a determinados estados de fato. É na própria linguagem que se selecionam as coordenadas (dêiticas) que orientam a interpretação para determinados aspectos da situação discursiva. Nesse aspecto, constitui-se um suporte para as relações pragmáticas da linguagem que, como já se viu, se estendem além do estritamente dito (COUDRY, 1988/2001, p.56).

Então, é por meio da enunciação¹ que podemos verificar o rearranjo da linguagem, e compreender que as funções superiores (linguagem, memória, atenção e percepção) não podem ser vistas nem analisadas separadamente, como feito em testes formais. Por isso, os dados de GM, o sujeito em questão neste trabalho, foram coletados em situação de conversações livres e em seu próprio lugar de convívio atual, procurando manter o ambiente o mais costumeiramente natural possível, e, ao avaliá-los, a atenção foi norteadada para os meios encontrados por ela para se reorganizar linguisticamente depois de acometida por neuropatologias e considerando também o fato de ela estar em um ambiente não-familiar e pouco estimulante, como foi observado na Instituição em que reside. Ou seja, levou-se em consideração, sua história de vida e seu contexto atual, que a torna indivíduo peculiar.

2.2 O cérebro como um Sistema Funcional Complexo

A concepção de cérebro que norteia os estudos da Neurolinguística Discursiva ancora-se nas teorias postuladas por Luria, que o concebe como um Sistema Funcional Complexo (SFC). De acordo com Damasceno (1990, p.149), “o modelo luriano de funcionamento neuropsicológico pressupõe um sistema dinâmico, plástico, produto de evolução sócio-histórica e da experiência social do indivíduo, internalizada, sedimentada no cérebro”. Luria pressupõe também que cada uma das funções cognitivas (memória, atenção, percepção) seja concebida como um sistema complexo. A respeito da organização dessas funções, Luria afirma que:

¹ Enunciação: aqui, utilizada no sentido de enunciação individual, num momento e espaço precisos, e é o resultado da produção individual.

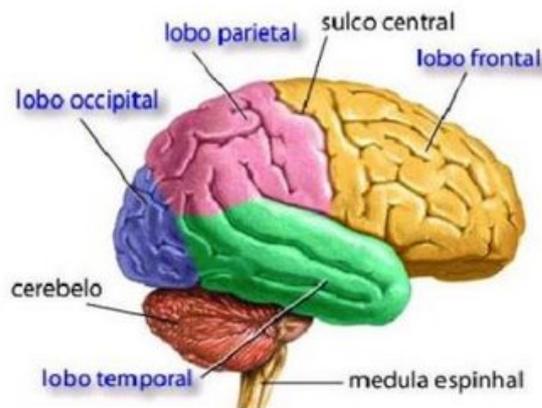
(...) não estão ‘localizados’ em estreitas e circunscritas áreas do cérebro, mas ocorrem por meio da participação de grupos de estruturas cerebrais operando em concerto, cada uma das quais concorre om a sua própria contribuição particular para organização desse sistema funcional. (LURIA, 1981, p.27).

Desse modo, conclui-se que lesões de determinada área do cérebro podem acarretar a desintegração de todo sistema funcional, de modo que um sintoma particular não nos diz nada a respeito de sua localização.

Se a atividade mental é um sistema funcional complexo, envolvendo a participação de um grupo de áreas do córtex operando em concerto (trata-se, às vezes, de áreas cerebrais bastante distantes umas das outras), uma lesão de cada uma dessas zonas ou áreas pode acarretar desintegração de todo o sistema funcional, e dessa maneira o sintoma ou ‘perda’ de uma função particular não nos diz nada sobre sua localização. (LURIA, 1981, p.19).

Assim, de acordo com Luria (1981), a organização do cérebro é formada por cinco grandes áreas, a saber: subcorticais, frontais, parietais, occipitais e temporais, que se encontram organizadas em três unidades funcionais, denominadas de “Bloco I”, “Bloco II” e “Bloco III”, que operam conjuntamente, de maneira orquestrada, sendo que, “cada uma das quais tem um papel a desempenhar nos processos mentais e fornece a sua contribuição para o desempenho dos referidos processos” (LURIA, 1981, p.27). A ilustração abaixo representa como as regiões cerebrais são divididas no modelo luriano.

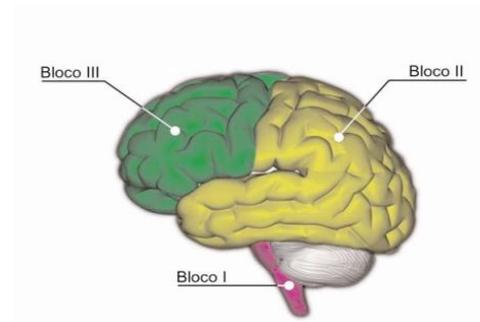
Figura 1 – Lobos cerebrais



Fonte: A mente humana².

² Disponível em: < <http://amentehumana12.blogspot.com/2009/01/lobos-cerebrais.html>>. Acesso em abril 2015.

Figura 2 - Organização dos Blocos I, II e III, segundo o modelo de Luria



Fonte: Melo, 2007, p. 28

O Bloco I é composto por estruturas que se localizam abaixo do córtex no subcortex e no tronco cerebral (hipotálamo, tálamo ótico e sistema de fibras reticulares), esta unidade tem como função regular o tônus cortical, a vigília e os estados mentais, sendo o seu funcionamento um pré-requisito para o trabalho cerebral. Luria aponta que embora essas estruturas sejam subcorticais, elas possuem uma dupla relação com o córtex, tanto influenciando o seu tônus, quanto estando elas mesmas sujeitas à sua influência reguladora. As estruturas deste Bloco podem aumentar ou diminuir a tonicidade cortical, dependendo da atividade a ser realizada pelo sujeito, assim, Luria (1981, p.29) afirma que “a manutenção do nível ótimo de tônus cortical é essencial para o curso organizado da atividade mental”.

As alterações relacionadas à atenção e à memória, decorrentes do comprometimento do Bloco I, podem explicar algumas das dificuldades de sujeitos com alterações neurológicas.

O Bloco II é composto por estruturas que se localizam nas regiões laterais do neocórtex sobre a superfície convexa dos hemisférios, ocupa a região posterior das superfícies laterais, sendo formado pelos lobos occipital (região da visão), temporal (responsável pela audição) e parietal (sensorial geral). É o Bloco responsável por receber, analisar e armazenar informações. Esta unidade é formada por três áreas: i) áreas primárias, que tem como função estabelecer a distinção entre os estímulos visuais, auditivos e táteis; ii) áreas secundárias, tem a função de síntese da informação sensorial recebida da área primária e, por último, iii) área terciária, que representa o nível mais complexo de funcionamento deste Bloco, estando situada na fronteira entre os córtices occipital, temporal e parietal. A respeito deste Bloco Luria sintetiza dizendo que:

Essas zonas hierarquicamente organizadas do córtex que constituem o segundo sistema cerebral funcionam de acordo com o princípio da especificidade modal decrescente e da lateralização funcional crescente. Estes dois princípios representam o meio pelo qual o cérebro pode levar a

cabo suas formas mais complexas de funcionamento, estando na base de todo o tipo de atividade cognitiva humana, a qual está vinculada, por sua origem, ao trabalho, e, em termos de estrutura, à participação da fala na organização de processos mentais. (LURIA, 1981, p.60).

Já o Bloco III, segundo Luria, é composto por estruturas das regiões laterais neocórtex sobre a superfície convexa dos hemisféricos, ocupando a região dos lobos frontais. Esta unidade é responsável pela programação, regulação e verificação da atividade. Assim como o Bloco anterior, o Bloco III, também, é constituído por três áreas, primárias, secundárias e terciárias, porém, funciona de maneira hierárquica inversa ao Bloco II. Deste modo, no Bloco III os processos se iniciam na área terciária, seguindo para as áreas secundárias, onde os planos e programas motores são formados, até, chegarem, finalmente, às estruturas da área motora primária, responsável pelo movimento. Luria sintetiza as funções do Bloco III, afirmando que:

O homem não somente reage passivamente a informações que chegam a ele, como também cria intenções, forma planos e programas para as suas ações, inspeciona a sua realização e regula o seu comportamento de modo a que ele se conforme a esses planos e programas; finalmente, o homem verifica a sua atividade consciente, comparando quaisquer erros que ele tenha cometido. (LURIA, 1981, p.60).

Assim, Luria (1981) afirma que a atividade consciente acontece mediante o funcionamento combinado das três unidades, cada uma das quais oferece a sua contribuição própria. Deste modo, este autor postula que é possível localizar o foco da lesão, mas nunca a função. É preciso então realizar o que Luria denomina “análise sindrômica”, que consiste em analisar todos os sintomas que o sujeito apresenta, a fim de descobrir qual região foi afetada e compreender o seu funcionamento. Acreditamos, pois, que só através da linguagem em funcionamento poderemos analisar precisamente quais sintomas o sujeito apresenta.

Novais-Pinto (2012) ressalta que mesmo com o todo conhecimento a respeito do funcionamento cerebral, ainda é comum encontrar nas pesquisas científicas alguns paradigmas que, para explicar o cérebro, o comparam a uma máquina. Nesse sentido, Sacks (1995) afirma que “nossa concepção do sistema nervoso como uma espécie de máquina ou computador é radicalmente inadequada e precisa ser suplementada por conceitos mais dinâmicos, mais vivos” (Sacks, 2012, p.58 *apud* Novais-Pinto, 1995).

Desse modo, estamos de acordo com a afirmação de Damasceno (1990) ao dizer que o modelo luriano de funcionamento neuropsicológico do cérebro apresenta-se como que melhor atende a concepção de linguagem como ação, trabalho e como processo discursivo.

Pode-se dizer que para a teoria luriana a cultura tem importância fundamental, pois por meio dela é possível modificar estruturas internas, isto é, o sistema plástico está na dependência das experiências do ambiente externo para se desenvolver, e é justamente nesse sentido que a relação entre o discurso e a neuroplasticidade se constitui como via de mão dupla. Pois, na medida em que o cérebro é estimulado por meio do outro, novas conexões funcionais se manifestam e se desenvolvem, contribuindo para que os processos cognitivos funcionem em toda sua complexidade, fenômeno conhecido como *princípio da solidariedade*, base de um dos mais relevantes conceitos nas neurociências: o de plasticidade neuronal. (Novais-Pinto, 2012; 2012).

Nesse sentido, a ND, que tem como premissa a ação discursiva, o que implica a linguagem em funcionamento, contribui, portanto, de maneira fundamental tanto para a avaliação de um quadro demencial quanto para o acompanhamento clínico terapêutico.

2.3 A Neuroplasticidade e a Perspectiva Sócio-histórico-cultural

Neste capítulo, partimos dos argumentos e pesquisas da área de neurociências para expor questões a respeito da neuroplasticidade e as implicações do meio neste processo contínuo de construção e reconstrução do Sistema Nervoso (SN). Faremos uma relação entre esses argumentos e pesquisas com a perspectiva sócio-histórica-cultural formulada por Vigotsky (1989), cujos postulados se aproxima dos estudos neurocientíficos aqui apresentados, pois também defende que o desenvolvimento e o aprendizado são provocados pelo outro, ao mesmo tempo em que o homem modifica o meio utilizando sua capacidade de solucionar problemas através da criação de instrumentos. Abordamos também a questão da plasticidade no cérebro lesionado, porque nos interessa compreender melhor os processos pelos quais o cérebro se reorganiza e resiste às degenerações patológicas.

2.3.1 Neuroplasticidade

A capacidade de regeneração funcional é tema constante nos estudos neurocientíficos atuais e, nessas várias áreas de estudos que compõem as neurociências, é consenso que fatores genéticos e epigenéticos (ambientais) são – juntos - responsáveis pela formação do cérebro e organização das funções neuronais, processo que ocorre ao longo da vida do indivíduo. Sabe-se que todo o Sistema Nervoso (SN) é dotado de capacidade de regenerar-se, em todos os

estágios da vida do ser humano, embora essa capacidade não se dê sempre no mesmo nível e da mesma forma em todos os indivíduos.

Essa capacidade de regeneração funcional, denominada de plasticidade cerebral, está ligada a ideia de que o SN se reorganiza regularmente. Em poucas palavras: o processo resulta do estímulo dos neurônios que geram impulsos elétricos, liberando íons e substâncias químicas que são distribuídas pelas sinapses, promovendo ligações entre eles. Isso acontece não apenas quando ocorrem processos patológicos, mas também em um organismo normal que passa por um processo de aprendizagem. A cada novo estímulo, a rede de neurônios se reorganiza. Segundo Annunziato e Oliveira (2004, p. 5), a plasticidade do sistema nervoso acontece durante três eventos: desenvolvimento; aprendizagem e formação de memória; e após processos lesionais. Ou seja, esse processo começa de dentro para fora, numa clara afirmação de que o ambiente tem forte influência no funcionamento e na estrutura das terminações nervosas.

2.3.2 Abordagem Sócio-histórico-cultural

De modo consonante com a ideia de neuroplasticidade, Vigotsky postula em sua abordagem sócio-histórico-cultural que o desenvolvimento e o aprendizado são mediados pelo outro, ao, mesmo tempo em que o homem modifica o meio utilizando sua capacidade de solucionar problemas através da criação de instrumentos. Em outras palavras, a natureza exerce ações sobre o homem e influencia seu comportamento e desenvolvimento, mas o homem também é capaz de agir sobre a natureza e modificá-la (NOVAES-PINTO, 2012). Segundo Vigotsky (1989), esta é uma capacidade própria da espécie humana que se desenvolve a partir do aprendizado. Esse desenvolvimento tem características filogenéticas e ontogenéticas. Segundo o pensador russo, o desenvolvimento filogenético está ligado ao desenvolvimento de uma espécie, nesse caso, a espécie humana, e o desenvolvimento ontogenético diz respeito ao desenvolvimento de um indivíduo.

O aprendizado que promove o desenvolvimento de um novo instrumento acontece por necessidade, um exemplo disso, para Vigotsky (1989), é o desenvolvimento da linguagem e do pensamento que, segundo o autor, tendo origens e trajetórias independentes, esses fenômenos acabam se associando em um dado momento do desenvolvimento filogenético da espécie humana pela necessidade de interação entre os indivíduos durante o trabalho. Da mesma forma, se dá o processo de união entre linguagem e pensamento no desenvolvimento ontogenético, entretanto, no caso da criança, o convívio com um grupo cultural com

linguagem já estabelecida gera o aprendizado e o desenvolvimento do “pensamento verbal e linguagem racional” (OLIVEIRA, 1999, p. 45). Faz-se importante lembrar aqui que para Vigotsky (1989) é a partir dessa transformação que se adquire funções cognitivas superiores, que envolvem o controle consciente do comportamento e são próprias da espécie humana como percepção, atenção e memória, a partir de então, o homem deixa de ser apenas um ser biológico para ser social e histórico, mediado pelos signos, especialmente pela linguagem. As funções superiores são exercidas pelo cérebro, cujo desenvolvimento é permeado por fatores genéticos e epigenéticos ao longo da história da espécie e do indivíduo.

Desse modo, podemos considerar a interação com o outro ou o meio como fator preponderante tanto para o desenvolvimento filogenético da espécie quanto ontogenético. É a partir dele que o SN se desenvolve, se organiza, se reorganiza e dá significado às suas relações sociais construídas pelo trabalho e pelo uso de instrumentos.

Como citado anteriormente, o SN se organiza durante o desenvolvimento, aprendizado e após processos lesionais e o ambiente tem influência direta nesse processo. Eis uma questão que adquire maior importância quando se fala em cérebros que sofreram lesão.

2.3.3 A Plasticidade no cérebro lesionado

Annunziato e Oliveira (2004) explicam que durante um dano cerebral, muitos eventos ocorrem simultaneamente tanto no local da lesão quanto em lugares distantes dele e que, por isso, a lesão é ampliada, pois os neurônios trabalham em cadeia, o que leva a uma desordem em toda a rede de conexões neurais. Nesse momento, o cérebro inicia vários processos de regeneração funcional e morfológica, buscando novas conexões “numa tentativa-teima do SN em tentar manter suas funções” (ANNUNCIATO E OLIVEIRA, 2004, p. 10). Embora, algumas vezes o próprio mecanismo de proteção do cérebro impeça que antigas conexões sejam restauradas como antes da lesão ele busca novos caminhos e acaba fazendo conexões não observadas antes da lesão.

Vários fatores interferem no processo de regeneração cerebral pós-lesão, dentre eles o tipo de lesão. Lesões súbitas como acidente vascular encefálico (AVE) e traumatismo crânio-encefálico (TCE), produzem danos mais rápidos, pois, não proveem tempo necessário para a reestruturação celular, já as lesões que ocorrem lentamente, como nas demências, fornecem tempo para o cérebro reagir ao elemento estranho e tentar manter suas conexões funcionais. Isso explicaria por que, por exemplo, a Doença de Alzheimer (DA) provavelmente começa a se desenvolver muitos anos antes que a doença seja expressa clinicamente e lentamente torna-

se mais grave. Em algum momento, essa patologia em desenvolvimento começará a produzir as alterações cognitivas iniciais associadas à demência (STERN, 2009). E, para cada indivíduo, esse tempo de expressão clínica e manutenção das funções cognitivas podem ser diferentes.

Têm sido feitos estudos sobre a influência do ambiente e do estilo de vida no aparecimento dos sintomas de demências, como a DA, por exemplo. Ou seja, pessoas que tiveram maior estimulação cerebral ao longo da vida, por meio de nível educacional, realização profissional e atividades de lazer, têm uma “Reserva Cerebral e Cognitiva” (RC)³ maior, por isso, têm mais capacidade de prevenir ou retardar os efeitos da degeneração celular natural ou patológica. Citamos Stern:

It is also now clear that stimulating environments and exercise promote neurogenesis in the dentate gyrus (Brown et al., 2003; van Praag, Shubert, Zhao, & Gage, 2005). Both exercise and cognitive stimulation regulate factors that increase neuronal plasticity (such as BDNF) and resistance to cell death. Finally, there is evidence to suggest that environmental enrichment might act directly to prevent or slow the accumulation of AD pathology (Lazarov et al., 2005). Thus, a more complete account of CR would have to integrate these complex interactions between genetics, the environmental influences on brain reserve and pathology, and the ability to actively compensate for the effects of pathology. (STERN, 2009, p. 2).

Ou seja, mesmo em caso de lesões causadas por fatores reconhecidamente genéticos como a DA, fatores externos vão influenciar o tempo em que os sintomas clínicos começarão a se manifestar e a capacidade do indivíduo de manter as funções cerebrais ativas por mais tempo. Esta capacidade é determinada em grande parte pelos estímulos cognitivos recebidos ao longo da vida:

Education might also be a marker for innate intelligence, which may in turn be genetically based or a function of exposures. [...] Still, education and other life experiences have been shown to impart reserve over and above that obtained from innate intelligence. Studies have demonstrated separate or synergistic effects for higher educational and occupational attainment and leisure activities, suggesting that each of these life experiences contributes independently to reserve (Evans et al., 1993; Mortel, Meyer, Herod, & Thornby, 1995; Rocca et al., 1990; Stern et al., 1994; Stern et al., 1995).

Entretanto, os fatores ambientais preponderantes não são apenas os cumulativos, mas o contexto vivido pelo indivíduo após a lesão é de suma importância para a reabilitação e manutenção de suas funções. Se a reorganização neural acontece constantemente, quanto

³ Estudos sobre Reserva Cognitiva promovido pelo Cognitive Neuroscience Division of the Taub Institute, and the Departments of Neurology and Psychiatry, Columbia University College of Physicians and Surgeons.

maior for o estímulo do ambiente em que o indivíduo se insere maior probabilidade de reabilitar ou reorganizar as funções perdidas.

Destarte, o nosso cérebro está em constante aprendizado e desenvolvimento, trabalha sem parar para adaptar-se às modificações externas e manter o controle de todos os órgãos e sistemas. Ele procura resistir as lesões através da complexidade de conexões criadas histórica e socialmente. O conhecimento de que o SN pode ser modificado estrutural e funcionalmente através da interação com o meio é de extrema importância para várias áreas de conhecimento e de particular importância para os que se ocupam da reabilitação de indivíduos acometidos por neuropatologias.

Entre a camada da população mais acometida por neuropatologias estão os idosos, este e outros fatores próprios da velhice levam muitas famílias a internarem seus idosos em abrigos, chamados de Instituição de longa Permanência (ILPI).

3 AS INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS

Em razão de nosso sujeito pertencer a uma categoria social que reside, sob regime de internato, em uma instituição, buscamos expor, neste capítulo, um pouco da história das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), em geral, e da Instituição em que se deu este estudo, em particular.

Em Foucault (1996) procuramos o suporte teórico necessário no tocante a Instituições, sua estrutura e funcionamento. Intentamos compreender aqui quais as relações entre o biopoder e o poder repressor que legitimam o processo de institucionalização.

3.1 Instituições Asilares

Desde seu surgimento, os asilos, e outras instituições de internamento, têm a imagem negativa de lugar de segregação e exclusão, que tem como função a guarda, proteção e alimentação de pessoas rejeitadas pelos seus grupos diretos, à medida que a sua presença se torna indesejada ou que não cumpra o seu papel esperado pela família ou pelo meio social. E, em alguns poucos casos, daqueles que não desejam mais desfrutar do convívio familiar.

Na medida que a população envelhece, aumenta a demanda de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Segundo o IBGE, estima-se que, em 2025, o número de idosos no Brasil chegará a aproximadamente 30 milhões de pessoas, o que equivale a 15% da população. Estudos demográficos mostram que, devido às quedas das taxas de fecundidade, sobretudo a partir das décadas de 70 e 80 e à diminuição gradativa das taxas de mortalidade registradas nas últimas décadas, o envelhecimento da população brasileira é irreversível. O país de jovens mudou sua estrutura demográfica com o aumento e a presença notável dos cabelos grisalhos. Vale lembrar que, na Europa e América do Norte, este fenômeno aconteceu de forma paulatina, e teve início há quase cem anos atrás. Estudos acerca da institucionalização de idosos no Brasil são pouco sistematizados e mesmo publicações de referência na área deixam de avaliar este tema com profundidade.

Uma boa parcela dessa população idosa que vive em asilos é portadora de alguma patologia física e muitos de neuropatologias, habituais da velhice ou não. Alguns são deixados lá pela família, porque os familiares não conseguem cuidar do idoso devido às exigências da doença, a qual muda completamente o ritmo familiar; outros são acometidos pela demência após a internação. Pesquisas apontam que pelo menos metade dos internos das Instituições de Longa Permanência (ILP) apresenta algum tipo de demência e que a Doença

de Alzheimer (DA) é o tipo mais frequentemente diagnosticado. Segundo Roach (2003), a permanência nessas instituições, em muitos casos, acelera o aparecimento de sintomas clínicos da demência ou da senilidade por conta da falta de atividades física e mental, pouca ou nenhuma atividade de lazer, e falta de perspectiva futura, além da ausência da família (ROACH, 2003).

A regulamentação do funcionamento das instituições asilares ocorreu apenas recentemente, visto que as 12 normas técnicas para o funcionamento das casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições destinadas ao atendimento de idosos consta na Portaria n.º. 810 de 22 de setembro de 1989 (BRASIL, 1989). Posteriormente, tais instituições receberam o nome de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), o que ocorreu na legislação vigente, mais especificamente, na RDC n.º. 283, de 26 de setembro de 2005, que estabelece os critérios mínimos para o funcionamento dessas instituições (BRASIL, 2005)

As instituições de longa permanência que abrigam idosos (ILPI) são:

[...]instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinadas ao domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania (BRASIL, 2005, p. 1).

De acordo com o regulamento técnico para o funcionamento das ILPIs (BRASIL, 2005), essas devem propiciar o exercício dos direitos humanos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e individuais de seus residentes. Este é o texto legal a respeito do funcionamento das ILPIs no Brasil, mas estudos indicam que a maioria destas instituições ainda mantem como finalidade a normatização dos indivíduos ali internos e suas estruturas deixam a desejar no que concerne ao que é prescrito em lei.

Neste ponto, gostaríamos de abrir um parêntese para esclarecer que, neste trabalho, tomamos as instituições não como um todo que se equivale, mas defendemos que cada uma dessas instituições é uma parte da coletividade que tem significado e interesses próprios. Defendemos, ainda, que, embora os termos tenham sido modificados, pois não se tratam mais de asilos, mas de ILPI, as práticas operacionais das referidas instituições apontam para situações de isolamento e de abandono, além de proporcionarem, em muitos casos, perda da identidade e da autonomia dos residentes.

Segundo o Dicionário de Ciências Sociais (1986, p. 614), “[...] as instituições geram formas características de interação social ou as acompanham”. De modo que, ao ser inserido em uma Instituição, o indivíduo passa a fazer parte de uma tradição, uma história que

antecede a sua chegada e que se perpetuará após a sua saída, independentemente de sua realidade particular (ROCHA, 2010).

Em virtude de nossa pesquisa ter sido feito em uma instituição específica, a seguir, apresentamos um pouco sobre a história desta ILPI em que se deu o nosso estudo, o Abrigo Nosso Lar.

3.2 O Abrigo Nosso Lar

A Instituição em que se encontra nosso sujeito situa-se na cidade de Vitória da Conquista, BA.

O Abrigo Nosso Lar é um departamento de serviço Social da União Espírita de Vitória da Conquista (UEVC), cuja finalidade declarada é prestar assistência material, moral e espiritual à velhice desamparada, em regime de internato. Fundado por um grupo de adeptos da doutrina Espírita em 1954, inicialmente, o antigo “Albergue Nosso Lar” cumpria função de asilo e albergue,⁴ e estava localizado em três barracões cobertos com palhas situados, onde hoje é a Av. Juracy Magalhães. Ali, acolhiam-se os mendigos e idosos abandonados pelas ruas da cidade.

Em 1960, com a criação da União Espírita de Vitória da Conquista (UEVC), o Albergue ganha um novo prédio e instalações mais apropriadas para os idosos que lá viviam internos. Além disso, o Albergue dava abrigo às crianças órfãs de pai e mãe, sem parentes, bem como, aos retirantes que precisavam de pernoite para viajar no dia seguinte e aos doentes que chegavam à cidade para tratamento médico.

A inauguração, no dia 7 de setembro de 1960, às 16 horas, segundo o jornal *O Combate*, de 10 de setembro de 1960, contou com a presença de muitos populares e autoridades locais, inclusive o Prefeito de então, Gerson Gusmão Sales, e o deputado Adelmário Pinheiro, o que mostra a importância do evento para a cidade.

Desta forma, O Albergue, pensado inicialmente para abrigar os moradores de rua, prioritariamente os idosos, passa a acumular as funções de recolhimento, albergagem, assistência social e médico-hospitalar.

⁴ Embora pareçam sinônimos, segundo Rocha (2010), existem características que distinguem um termo do outro: a ideia de asilo vem de tempos remotos e, mesmo depois de alterações de conteúdo, ainda envolve o desejo humanitário de proteger o que está marcado pelo infortúnio. Destarte, pode-se distinguir diversas classes de asilo, através do processo histórico: territorial, religioso, diplomático ou político. Já, o albergue é definido como “lugar de abrigo, hospedagem, pouso, refúgio, resguardo – asilo noturno para mendigos” (DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa, 1981, p. 83).

Até hoje, a administração organizacional e financeira é dirigida pela UEVC por meio de voluntários da comunidade espírita da cidade. Além disso, atualmente, o abrigo conta com serviços remunerados de faxina, lavanderia, enfermagem, assistente social e nutricionista. Um médico clínico, voluntário, visita periodicamente a instituição e atende a toda demanda.

A doutrina espírita, cuja ideologia é responsável pela fundação e práticas operacionais existentes no Abrigo, busca retratar no lugar a colônia espiritual descrita no livro *Nosso Lar*, psicografado por Francisco Cândido Xavier (1996). Nesse lugar, os espíritos dos mortos seriam recebidos em uma comunidade onde todos desfrutariam de bens em comum, igualmente. Este ideal foi refletido nos quartos, já que a mobília é a mesma em todos os aposentos; nos pertences, que também são comuns; no vestuário, o qual não tem uso exclusivo; e na alimentação, distribuída igualmente, com exceção para os casos de dietas especiais prescritas por médicos ou nutricionistas.

O Albergue seguiu funcionando no mesmo endereço até o início dos anos 80, quando o prefeito Raul Ferraz se interessou pela área onde estava instalado para a construção de um ginásio de esportes e propõe a UEVC uma troca, oferecendo um terreno situado à Av. Rosa Cruz - Bairro Candeias. A proposta atraiu a União Espírita, porque o novo terreno era bem maior e as instalações de então já não davam conta de atender as demandas de assistência social da Instituição. Deste modo, em 1983, o Albergue foi transferido para as novas instalações.

Até esta data, o Albergue Nosso Lar era mantido com recursos de aluguéis de propriedade da União Espírita, a partir da definição do referido albergue como sendo uma instituição asilar, o albergue entra com o pedido de aposentadorias no Instituto Nacional de Segurança Social (INSS) em razão da idade de diversos internos. Com os pedidos deferidos, estes recursos somam-se às doações e às subvenções. Na mesma ocasião, foi elaborado um regulamento para reger a Instituição, contendo cinco capítulos e 19 artigos.

O Abrigo permaneceu neste endereço até este ano, 2015, quando no final de nossa pesquisa mudou-se para outro endereço, com instalações completamente novas. No entanto, a mesma estrutura foi mantida, inclusive a arquitetura circular da ala dos quartos e foram acrescentadas salas administrativas em andares superiores, cujas paredes de vidro dão visão panorâmica à área dos internos. O novo prédio, nas cores claras, predominando o branco, se assemelha ainda mais ao lugar descrito como "*Nosso Lar*", pelo espírito de André Luís, no livro psicografado pelo médium Francisco Xavier, cuja função era uma espécie de "hospital espiritual", pelo qual as pessoas desencarnadas passam para adquirir compreensão de sua jornada e curar-se de problemas espirituais e assim evoluir através de reencarnações

sucessivas. Neste contexto, aceito como doutrina para o espiritismo, religião fundada por Alan Kardec (1996) na França, a morte material é um acontecimento necessário para a evolução do espírito, por isto, é aceita com resignação.

Ainda que não caiba neste trabalho expor em pormenores a doutrina espírita, este é um aspecto importante, visto que esta ideia de aceitação e abnegação da materialidade é expressa nas atitudes dos funcionários, administradores e visitantes. E dá à instituição ares de “espera para o repouso final”.

Embora, durante algum tempo, o Abrigo continuasse a exercer a função de Albergue e Asilo, no início de nossa pesquisa a Instituição já tentava se adequar integralmente à legislação vigente que rege o funcionamento das ILPIs, como citado anteriormente, RDC nº. 283 de 26 de setembro de 2005:

[...]instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinadas ao domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania (BRASIL, 2005, p. 1).

A própria legislação modificou a proposta inicial da instituição de acolher apenas idosos desabrigados. Segundo um dos mantenedores da instituição, Dr. Renan:

Muitos daqueles velhos não são carentes financeiramente, mas sim carentes de amor, família. Tentamos inicialmente fazer uma triagem e manter apenas velhos realmente de rua. Mas, percebemos que alguns tinham família e eram rejeitados por ela. É uma temeridade recusar a assistir uma pessoa assim...necessitada de uma família[...]. Existem muitas pessoas que têm condições de ficar com seus velhos e não ficam. (Rocha, 2010 p. 55)

Ao observar a rotina do Abrigo, pensamos no texto da lei que reza que as LPIs devem proporcionar aos internos “condição de liberdade, dignidade e cidadania” (BRASIL2005, p.1). E pensamos qual o sentido de liberdade, dignidade e cidadania de que estamos falando, visto que o espaço do Abrigo foi projetado de modo a impor aos internos a disciplina e a ordem do cotidiano, dificultando a possibilidade de ações individualizadas. A hora das refeições, do banho, da “recreação”, da exposição ao sol é previamente estabelecida, não se pode sair da Instituição – salvo em companhia de um membro da família, com a autorização da administração. E mesmo o que se vai comer ou como se vai fazê-lo é constituído pela regra.⁵ Seus documentos ficam retidos pela administração e as saídas só são autorizadas em

⁵ Lembramos aqui um acontecimento durante a nossa observação em que uma das internas ao receber o desjejum com batata doce em um prato, pede um garfo e recebe a resposta de que só pode usar a colher que lhe foi

companhia de um familiar. Esta é a primeira realidade com a qual o sujeito tem que lidar ao ser admitido inicialmente na instituição: aceitar a perda de autonomia e a nova condição de tutelado. Não há outros papéis e atribuições a serem assumidos a não ser o de interno. Esta limitação é reforçada pela ausência de visitas familiares e de atividades fora da rotina estabelecida. Notamos, no novo prédio, a busca por atribuir certa identidade aos idosos: os quartos são menores e abrigam menos idosos - quatro camas por quarto - cada um recebeu um pequeno armário decorado com uma foto com o nome do usuário, onde eles podem guardar seus pertences pessoais, como perfumes, bijuterias, cachecóis, etc., mas, as roupas e objetos de higiene continuam sendo de uso comum. Não há opção de quartos individuais ou espaço para conversas reservadas, muito menos intimidades.

A maioria dos internos são portadores de alguma patologia, mental ou física. E são acompanhados pelo médico clínico, voluntário, que os encaminha para atendimento especializado, quando necessário, o que ocorre por meio do Sistema Único de Saúde ou através de outros médicos voluntários.

3.3 Disciplina e biopoder

A caridade é o lema da doutrina espírita, cuidar, amparar e prover o sustento dos idosos, mas ao mesmo tempo este é o argumento que implica na repressão e regulamentação das ações do indivíduo, julgando se um comportamento é considerado aceitável ou não. Os internos estão sujeitos às regras da Instituição, tendo que ficarem submissos aos horários estabelecidos para comer, banhar-se, ficar ao sol e receber visitas. A sexualidade não é claramente discutida, mas é proibido o relacionamento entre os idosos e os quartos masculinos e femininos estão posicionados de lados opostos. Os idosos não podem sair, seus rendimentos são recebidos pela administração do Abrigo e seus documentos ficam retidos. Para entrar e sair do local, passa-se por uma guarita de segurança, munida de portão eletrônico.

Para entender como funciona esta instrumentalização da disciplina nos asilos, tomamos como base os conceitos de Poder Soberano, Disciplina e Biopoder articulados por Foucault (2009), desde o poder exercido pelos monarcas, sobre a vida e morte, antes do século XVII, até as formas de poder mais atuais, ligadas ao biopoder.

oferecida. Ela reclama, indignada, que viver fora de sua casa é horrível, pois não pode escolher nem como e nem o que vai comer.

O poder sobre a vida e a morte, sobre o qual discorre o filósofo francês, diz respeito ao direito de fazer morrer ou deixar viver, poder absoluto exercido ao bel-prazer dos soberanos monarcas até o século XVII. A partir deste século, impulsionado, em grande parte, pela exigência de governar a sociedade que se formava e a população crescente, assiste-se a

[...] uma profunda transformação dos mecanismos de poder. Ao antigo direito do soberano de fazer morrer ou deixar viver se substituiu um poder de fazer viver ou abandonar à morte. O poder, a partir do século XVII, organizou-se em torno à vida, sob duas formas principais que não são antitéticas, mas que estão atravessadas por uma rede de relações. Por um lado, as *disciplinas*, uma *anátomo-política* do *corpo humano*. Elas têm como objeto o corpo individual, considerado como uma máquina. Por outro lado, a partir de meados do século XVIII, uma *biopolítica da população*, do *corpo-espécie*. Seu objetivo será o corpo vivente, suporte dos processos biológicos (nascimento, mortalidade, saúde, duração de vida (FOUCAULT, 2010, p. 186)

Ou seja, o princípio da disciplina, substitui, de certa forma, o poder soberano que se torna ineficaz diante de novas condições de possibilidade. Segundo Foucault, é preceito da disciplina colocar "cada indivíduo em seu lugar e, em cada lugar, um indivíduo". Para as disciplinas o que importa é

[...] estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. (FOUCAULT, 1987, p. 131).

Este poder disciplinador está ligado diretamente às necessidades do trabalho e se reflete sobre o corpo humano, que precisa ser dócil, útil e adaptável ao trabalho. Mais do que uma substituição do poder soberano, a disciplina é a introdução, neste poder, de novas tecnologias, processos microscópicos e persistentes.

Segundo o autor, na segunda metade do século XVIII, surge outra forma de poder, que não exclui a disciplina - o biopoder. Esta nova forma de poder, descrita por Foucault, não atua mais sobre a morte, e sim sobre a vida; não incide mais sobre o corpo, mas sobre a espécie humana; não é mais individualizante, é massificante. É neste momento que surge a estatística, a preocupação com a higiene, endemias e a medicina social, por exemplo. O objeto do poder passa a ser o problema da velhice, da doença, da inatividade e das incapacidades. O biopoder é, portanto, um tipo de poder que se exerce sobre o corpo vivo da população, o mais enfático é o "modo de viver", o poder não tem domínio sobre a morte, mas sobre a mortalidade (SOUZA, 2011).

Há que se considerar então, que a distinção entre a disciplina e o biopoder está na dimensão reguladora do segundo:

Em ambos os casos [disciplinar e biopoder], tecnologia do corpo, mas, num caso, trata-se de uma tecnologia em que o corpo é individualizado como organismo dotado de capacidades e, no outro, de uma tecnologia em que os corpos são recolocados nos processos biológicos de conjunto (Foucault, 1976b: 297).

Nesse sentido, Fossey (2011), explica:

Haverá, assim, duas séries que se referem a estes dois modos de exercício do poder: CORPO – ORGANISMO – DISCIPLINA – INSTITUIÇÕES e POPULAÇÃO – PROCESSOS (biológicos) – MECANISMOS (regulamentadores) – ESTADO. Será, então, através de instituições como o quartel, as escolas e os hospitais que o poder disciplinador poderá atuar, enquanto que o biopoder se exerce através de um Estado que toma para si o poder sobre a vida (FOSSEY, 2011, p. 35)

O biopoder se exerce através do Estado e de suas instâncias regulamentadoras, mas o poder disciplinador também é exercido pelo estado de maneira indireta nas Instituições como o asilo, como pudemos verificar em nossa pesquisa.

Segundo os relatos dos funcionários do Abrigo Nosso Lar, nos primeiros dias de internamento, alguns internos demonstram extrema tristeza e outros até chegam a adoecer gravemente. Mas, a maioria se adapta à nova condição, conseguindo tornar seus corpos dóceis a esse poder.

Com efeito, o indivíduo passa a seguir as regras e normas da Instituição, se adequa a elas e o faz através de coerção e autoridade exercida pelas práticas operacionais e legitimadas pelo discurso institucional. Este discurso institucional pode ser expresso através das regras, mas não tem seu termo nelas. Ele as sustenta através dos seus saberes, materializados em práticas discursivas. Aquele que é submisso a este mecanismo de poder, por fim, obedece de forma natural, tornando-se vigia de si mesmo, “torna-se princípio de sua própria sujeição” (FOUCAULT, 1987, p. 179).

Este mecanismo de poder é legitimado pela condição da velhice desamparada, velhice como sinônimo de degeneração e decadência, perspectiva que nasce entre os séculos XVIII e XIX, junto com a ideia de um indivíduo como produtor e consumidor de bens de consumo. Com a nova organização social, feita em função dos papéis econômicos, o idoso, que perde a capacidade biológica de exercer plenamente estas atribuições econômicas e sociais, carrega o fardo da segregação (ROCHA, 2011).

Destarte, o asilo instrumentaliza os dois campos do poder, disciplinando os corpos através do controle moral e social. Na instituição em que se deu este estudo, o Abrigo Nosso Lar, até o tipo de arquitetura⁶ existente permite um tipo de “poder sobre o espírito” (FOUCAULT, 1996), o qual condiciona o indivíduo a seguir as normas e os padrões estabelecidos mesmo quando não há ninguém a vigiá-lo. O “problema da velhice” passa a ser resolvido, pois, o corpo do indivíduo, ora disciplinado, passa a coincidir com a gestão populacional quando enquadrado no tipo social que lhe é destinado.

⁶ O tipo de arquitetura chamada de *panopticon*, por Foucault (1996), na qual a construção apresenta-se em forma de anel com uma torre central no meio de onde um vigilante observa a movimentação dos internos sem ser percebido. Este tipo de construção ajuda a formar no indivíduo a sensação de estar sempre sendo vigiado.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O responsável pelo sujeito da pesquisa assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Anexo 1 – e o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da UESB, parecer nº 703.387.

4.1 Natureza do estudo

A natureza deste estudo tem caráter qualitativo, baseado nos preceitos metodológicos de Vygotsky (1995), para quem o indivíduo é manifestação singular de um amplo conjunto de relações sociais e, portanto, o desafio metodológico é “[...] mostrar na esfera do problema que nos interessa como se manifesta o grande no pequeno.” (Vygotsky 1995, p. 64). E é nessa relação dialógica entre o coletivo e o singular e deste ao coletivo, que se localiza o ponto central da investigação.

Desde a observação até a análise dos dados, há uma preocupação dialógica no sentido de que se considera que há uma ligação entre o contexto vivido, as relações sociais e a construção do sujeito, que não pode ser traduzida apenas em números, mas na descrição e interpretação dos fenômenos estudados atribuindo-lhes significado.

O paradigma qualitativo é consonante com os pressupostos da ND, cujos postulados de abordagem sócio-histórica-cultural regem este trabalho. Nele, a pesquisa é vista como uma relação entre sujeitos, portanto dialógica, na qual o pesquisador é uma parte integrante do processo investigativo. Enfatiza-se nessa abordagem a compreensão dos fenômenos a partir de seu acontecer histórico no qual o particular é considerado uma instância da totalidade social, ou seja, que o particular trata daquilo que é próprio do sujeito e de sua história, e o geral considera o sujeito participante como datado histórico e socialmente e pertencente à espécie humana.

Esse modelo de investigação implica “nas características processuais e éticas do fazer pesquisa em Ciências Humanas que se refletem na relação pesquisador-pesquisado, nos próprios instrumentos utilizados e na análise de dados.” (FREITAS, 2002, p. 21). Primeiramente, aparece em oposição ao modelo quantitativo aplicado às ciências exatas e adaptado às ciências humanas no século XIX com o intuito de imprimir-lhe caráter científico e racional. Hoje já se admite que as abordagens quantitativas e qualitativas possam ser complementares. Como ressalta Minayo & Sanches (1993):

No entanto, se a relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um *continuum*, ela não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “ecológicos” e “concretos” e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa. (MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. 1993, p. 247).

Por isso, admitimos que algumas vezes podem aparecer “números” aqui, no sentido de que a regularidade de alguns fatos linguísticos pode “contar uma história”, entretanto, eles serão analisados segundo o paradigma qualitativo, ou seja, descritos, compreendidos e explicados, levando em conta os processos de significação que o sujeito tenta empreender através deles e não como elementos contáveis e estáticos.

Importa ressaltar também que durante a pesquisa utilizamos a técnica de observação participante, própria da pesquisa etnográfica – esclarecendo desde já que não adotamos todos os aspectos deste tipo de pesquisa desenvolvida por antropólogos com o intuito de estudar a cultura e a sociedade, adaptamos a técnica de observação participante às necessidades de nossa pesquisa - essa técnica prevê que o pesquisador, inserido no campo de investigação esteja em constante interação com o objeto pesquisado com o intuito de colher informações sobre o participante em seu próprio contexto social. Segundo Neto (2004) a observação participante é:

(...) uma metodologia, na qual o pesquisador se coloca no campo como uma antena de rádio, captando de forma sensível os elementos que interessam para sua proposta, interagindo com o grupo, vivendo com ele e influenciando e sendo influenciado. Uma relação humana, na qual a empatia é importante, mas o confronto, quando exigido, também o é, já que se torna o pressuposto para relações baseadas na autenticidade pessoal e não na representação de papéis. (NETO 2004A, p.42-3),

Neste tipo de observação, o grau de inserção do pesquisador com o campo varia, dependendo das diferentes situações de observação desejadas pelo próprio pesquisador.

Pode-se dizer, portanto, que essa é uma pesquisa de caráter qualitativo que utiliza técnicas etnográficas de observação orientada pelos pressupostos sócio-histórico-cultural.

No próximo tópico apresentaremos o sujeito participante da pesquisa.

4.2 Dados do sujeito

GM é uma senhora de 82 anos, embora afirme categoricamente ter apenas 72,

moradora de uma Instituição asilar, um abrigo para idosos. Está lá há um ano e ali foi deixada em circunstâncias um tanto dramáticas, descritas a seguir.

GM era enfermeira quando jovem e trabalhava em grandes hospitais da cidade do Recife. Durante uma festa de confraternização de final de ano em um dos hospitais em que trabalhava, foi dopada através de um golpe conhecido hoje como “boa noite Cinderela”, sumiu durante toda a noite e apareceu em casa pela manhã, violentada e apenas de sapatos. Desde então, não conseguiu mais exercer sua profissão, passou a usar drogas (lícitas) para conter depressão e ansiedade.

GM tinha uma vida confortável economicamente quando jovem e até a vida adulta, e o que se sabe é que alguns membros da família se aproveitaram de sua desorientação e ela foi interdita judicialmente e perdeu os poderes sobre suas posses. Morou com a mãe até a morte desta, quando, então, passou a morar com um sobrinho casado com uma mulher nascida em Vitória da Conquista. Depois de anos, seu sobrinho casou-se com outra mulher e fixou moradia em Vitória da Conquista, passando a pagar uma pensão para a ex-esposa, que residia no Recife, para que cuidasse da sua tia GM, que a essa altura, já idosa, havia recebido diagnóstico de esquizofrenia. Depois de um tempo, a cuidadora disse não conseguir mais tomar conta de GM e solicita permissão ao sobrinho para instalá-la em um asilo no Recife. Ele pediu que ela fosse instalada na melhor instituição para idosos e se comprometeu a pagar.

De fato, durante anos, AM, seu sobrinho, pagou uma alta mensalidade por esse internamento, quando, na verdade, a cuidadora já havia enviado GM para Vitória da Conquista aos cuidados de uma parenta sua a quem pagava uma parte do dinheiro recebido de AM. GM ficou por muito tempo nessa residência, até que o Albergue, onde reside agora, recebeu uma denúncia de maus-tratos e foi até a casa para confirmar. Confirmada a denúncia, GM foi levada para o Albergue onde se descobriu o paradeiro de seu sobrinho, morador da cidade.

Chamado à Instituição para reconhecimento, AM e GM se encontram pessoalmente depois de anos. O reencontro emocionado e sofrido durou pouco tempo, pois, alguns meses depois ele morre em decorrência de um assalto à mão armada. E, até a presente data, ela ainda não entende porque as suas visitas constantes não acontecem mais. A direção do Albergue foi instruída pelas psicólogas a não contar sobre o falecimento do sobrinho a GM, temendo alterações severas em seu estado psicológico.

GM chegou ao albergue sem conseguir andar devido à fraqueza – ela ficava dias sem comer porque tinha um distúrbio gástrico e quando comia tinha diarreia. Para que não sujasse as roupas, então a cuidadora não lhe dava comida e quando dava, deixava-a por horas sentada

no vaso sanitário para que não corresse o risco de evacuar na roupa ou na fralda. Hoje, passa a maior parte do tempo em cadeira de rodas, por segurança, pois, embora não tenha perdido a faculdade de andar, ainda o faz sem muita segurança e já foi vítima de muitas quedas.

Esse é um breve resumo sobre a vida de GM até o dia de nosso encontro e achamos que seria importante conhecermos o teor um tanto trágico de sua vida para que compreendamos melhor seu comportamento social e linguístico.

Quanto aos diagnósticos recebidos, em seu prontuário médico não constam nenhum laudo ou exames médicos sobre eles. Incluem apenas anotações do setor de enfermagem de que chegou à instituição com o diagnóstico de esquizofrenia e fazia uso do remédio Haldol por conta disso. Constam ainda outras anotações sobre o diagnóstico, dessa vez dado pelo médico da instituição, de Doença de Alzheimer. Foi nos explicado pela enfermeira responsável que o diagnóstico foi feito baseado na observação diária. Esse dado, implica num comportamento diferenciado dos cuidadores para com o idoso, que tem sua fala considerada a partir dos sintomas populares da síndrome de Alzheimer, especialmente as falhas na memória. Acrescentando à fala do idoso mais um fator de desconsideração e preconceito. Fora isso, há descrição de comportamento, em geral bom-comportamento e referências sobre sua fluência ao expor ideias.

Fora do prontuário, ouvimos da enfermeira-chefe o relato de momentos de crise em que GM tem alucinações sobre o momento em que foi violentada. Ela revive a ocasião em transe e reserva sempre uma expressão e palavras duras, apenas e unicamente, aos enfermeiros e alguns funcionários, do sexo masculino.

Na maior parte do tempo é uma pessoa tranquila, educada, de fala mansa e bem articulada. É muito querida entre os funcionários e visitantes. Tem boa percepção do espaço em que vive. Demonstra senso de humor e inteligência. Gosta de música e leitura, mas perdeu muito da acuidade visual e só consegue ler títulos em manchete. Aliás, ela chegou ao albergue cega e depois de uma cirurgia paga pelo sobrinho, voltou a ver bem, exceto letras pequenas.

Descrevemos a seguir como foi feito o acompanhamento da linguagem e a coleta de dados com GM na instituição em que reside.

4.3 Método de Coleta de Dados

A metodologia de coleta de dados, em consonância com os pressupostos da ND, consiste no acompanhamento do sujeito no contexto das dificuldades linguístico-cognitivas,

conferindo ênfase ao diálogo, como espaço de produção de sentidos, envolvendo o discurso verbal e não verbal e o uso cognitivo e social da linguagem.

Deste modo, com o objetivo de interagir com o sujeito, foram realizadas muitas atividades, durante as quais o sujeito teve oportunidade de falar livremente e, em outros momentos, monitorar a sua fala. E ainda, como observador participante, estivemos presente em atividades do cotidiano do sujeito, desjejum, lanche, aulas com uma professora voluntária de português, sessão de fisioterapia, embora na maior parte do tempo, os idosos permaneçam sem atividades direcionadas. A própria GM, quando perguntada sobre o que costumava fazer fora do horário das atividades já citadas, responde: “-nada, as pessoas aqui não prestam assunto entre si, então quando quero fazer algo, durmo”. Dessa forma, ela mostra sua percepção da falta de interação entre os moradores da Instituição, fato sobre o qual nos referimos no capítulo 3: **As Instituições de Longa Permanência**.

Foi feita uma sessão semanal, durante seis meses. Todas as sessões foram gravadas, além disso, foram realizadas outras visitas em horários e durações diversas, nas quais apenas algumas observações foram anotadas. As sessões com atividades direcionadas duraram cerca de 60 minutos, enquanto as observações durante o cotidiano da instituição tiveram duração diversa entre 60 e 120 min.

Realizamos atividades que promovem situações discursivas, dialógicas, por considerar que os processos de interação distinguem a linguagem, facultando a constituição de outros modos de ação verbal. Dentre elas, citamos algumas: (i) oral e escrita que possibilitaram o conhecimento mútuo e interação entre os sujeitos envolvidos na pesquisa, apresentação de pessoas mediante a organização de um álbum de retratos, leitura de jornal, uso de caderno de atividades, uso do computador, comentários sobre fatos de interesse dos interlocutores; (ii) atividades práticas - oficinas diversas; (iii) dramatização de cenas cotidianas com e sem linguagem verbal (situações e cenas do dia-a-dia dramatizadas em forma de *sketches* que são a representação de cenas enunciativas que mobilizam processos de significação verbais e não-verbais); (iv) atividades culturais, (v) jogos de mesa, (vi) comentários de filmes. Essas atividades aconteceram na própria Instituição na qual o sujeito é interno.

Descobrimos, por exemplo, que GM gosta muito de música, ela costumava cantar trechos de músicas de Ângela Maria e levamos vídeos com apresentações da cantora, cantando as canções que GM cantarolava, nesses momentos GM mostrava-se encantada com as imagens no pequeno Notebook e perguntou-nos se podíamos conseguir um “livro” daquele para ela. Ficava encantada com as entrevistas da cantora. Isto levava a conversas sobre as

canções que ouvia no rádio em sua juventude na companhia da mãe e outras atividades desenvolvidas pela lembrança das canções.

Também foram gravadas as conversações livres, diálogos, discussões e narrativas, durante as observações das atividades do cotidiano.

GM sempre se mostrou gentil e nossas visitas eram sempre esperadas com alegria e disposição. Aliás, algumas vezes cobradas e solicitadas. O que nos fazia perceber a falta de interação e atividades na Instituição de maneira geral.

Para conhecermos melhor o sujeito, na falta de um familiar, conversamos com funcionários e cuidadores voluntários da instituição e nos valemos também dessas informações e das informações do prontuário para analisar a linguagem de GM e compreender os usos e manobras que faz para suprir as lacunas deixadas pela ausência do convívio familiar e a neuropatologia.

Em alguns momentos, GM se emocionava demais ao falar do passado e da mãe, em especial. Nestas ocasiões, tentávamos acalmá-la e mudar de assunto. O que foi bem recebido em todos os momentos.

Em tempo: esclarecemos que durante a pesquisa e coleta de dados observamos as normas estabelecidas na resolução 466/2012 que rege as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

4.4 Método de Análise de Dados

Baseada em uma visão ampla da linguagem, que concebe a linguagem como atividade constitutiva do sujeito, assim como a metodologia da coleta de dados adotada neste trabalho confere importância especial a dialogia, acompanhando o sujeito em situações de uso real da linguagem, a análise dos dados segue os mesmos pressupostos, ao levar em consideração que linguagem e cérebro resultam do trabalho sócio-histórico-cultural dos indivíduos e, portanto, não há um sujeito ideal com uma linguagem ideal, e a linguagem deve ser avaliada dentro desse contexto construído historicamente, bem como das condições em que se dão as produções.

O método que utilizamos para interpretar um fato como dado, é baseado na formulação de dado-achado proposta por Coudry (1996). Ela mesma explica:

A metodologia [...] dá visibilidade à relação recíproca entre teoria e dado, e justifica a pesquisa que concebe sua própria dinâmica mediada pela interação dialógica entre pesquisador e sujeito, ambos imersos em práticas

significativas/discursivas ancoradas em coordenadas antropoculturais que determinam o que pode ser dito/feito/mostrado e o que não se pode dizer/fazer/mostrar (Foucault, 1969) (COUDRY, 2008, p.17).

Esse método é inspirado no dado singular proposto pelo paradigma indiciário de Ginzburg (1986), que tem como proposta um modelo epistemológico baseado no detalhe, no particular, que mostra muito além daquilo que se vê superficialmente. Segundo Ginzburg (1986): “o método é interpretativo, centrado sobre resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores [...]” (p. 150). O investigador utiliza o dado-achado como pista para entender os caminhos percorridos pelo sujeito, suas dificuldades e as estratégias encontradas para superar suas dificuldades de linguagem. Há uma interpretação do dado pelo pesquisador.

Enquanto no paradigma quantitativo a tendência é procurar apagar os traços individuais para se alcançar a “norma”, no dado singular, baseado no modelo qualitativo, o que se busca é o singular, a subjetividade que se revela nos detalhes, nos “elementos subtraídos ao controle da consciência” (GINZBURG, p.150).

Semelhante à formulação de Ginzburg (1986), Vigotsky (1996), considera que algumas ciências não podem depender apenas da observação direta, pois dependem de pistas e documentos para estudar fatos, nesta perspectiva denominada, análise micro genética por alguns autores - embora o termo não tenha sido cunhado pelo próprio Vigotsky (1996) - toda e qualquer análise deve buscar a relação entre as partes que compõem a totalidade, pois as relações entre as partes tanto é determinada quanto determinante do todo. Ainda que os fragmentos formem um todo este apresenta segmentos singulares na forma em que se instituiu e foi instituído. Neste tipo de análise, a lógica matemática de que a ordem dos fatores não altera o produto e de que o todo é apenas a soma das partes, é contestada (Zanella et. al. 2007).

Como o interesse deste trabalho é a interferência do outro na linguagem de um sujeito institucionalizado, a análise dos dados deve nos levar à comparação com o discurso inicial, quando o interno era recém-chegado ao Albergue, com a sua linguagem ao final das sessões, para que “se possa proceder a uma avaliação do fato de linguagem emergente”. (COUDRY e POSSENTI, 2010, p.10). No entanto, o objetivo é assinalar os processos discursivos que resistiram e quais os processos que estão sendo utilizados como alternativa para driblar o déficit e dar sentido à sua fala.

Desse modo, quando o *dado-achado* é construído por meio da interação investigador e sujeito investigado não apenas o déficit linguístico e sua relação com as novas possibilidades criadas são reveladas, mas cria-se também uma ligação entre os participantes do processo –

pesquisador e sujeito – importante tanto para a incidência do dado quanto para a reconstrução da linguagem (COUDRY 1996, P. 184).

Assim, ao construir o dado é possível que o investigador no momento das situações discursivas intervenha nos processos significativos alterados. A este respeito Coudry (1996) diz o seguinte:

Aproveitando cada momento das situações discursivas, o investigador provoca atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas (...) para direcionar a reconstrução, não só em função do déficit, mas da articulação entre os níveis linguísticos. Isto propicia o conhecimento efetivo do déficit linguístico e de suas relações com outros processos cognitivos, que não transcorrem sem a participação direta ou indireta da linguagem (COUDRY, 1996, p.185).

Ao considerar os processos alternativos na linguagem do sujeito institucionalizado, a ND considera também a singularidade do sujeito e sua relação com os fatores sociais, culturais e históricos que constitui a sua linguagem e o constitui como indivíduo. Ou seja, o indivíduo é considerado em sua subjetividade, como sujeito de sua própria história.

5 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Uma particularidade neste tipo de Instituição (Albergue/asilo) é que, geralmente, os visitantes são bem recebidos. Num primeiro momento, os diálogos nem sempre são fáceis, pois, os internos conversam pouco entre si, têm poucas atividades que provoquem comentários e poucas informações sobre o “mundo” fora da Instituição⁷, deste modo, o visitante precisa se esforçar um pouco para ultrapassar as barreiras de um cumprimento convencional. No entanto, depois desta primeira abordagem, a maioria fica ávida por uma conversa.

De fato, como não há muita privacidade no local, os idosos estão completamente acostumados com a presença de estranhos. Desta forma, fomos recebidos por GM sem muitas explicações ou apresentações.

Logo durante nossa primeira conversa com GM, notamos que ela se expressava bem, fazendo bom uso das palavras e compreendia bem sobre o que se falava, mantendo-se na maior parte do tempo dentro do tópico conversacional. Embora, como era de se esperar, às vezes se atrapalhasse com a noção espaço/temporal, o que é considerado comum em pessoas que passam muito tempo em instituições deste tipo.

Isso levou-nos a pensar reiteradas vezes sobre qual item linguístico nos deteríamos para uma análise que se revelava nas transcrições muito dentro do considerado do padrão de normalidade. E mesmo, a questionar o diagnóstico de DA. Os lapsos e os raros episódios de anomia pareciam bem mais dentro do normal que do patológico. Aliás, a título de curiosidade, chegamos a cogitar que na fala da pesquisadora, havia mais pausas, repetições e outras curiosidades dignas de uma avaliação do que do sujeito em questão.

Esta condição mudava um pouco quando o assunto era família e as lembranças do passado, quando, então, GM demonstrava certa confusão de tempo, espaço e identidades. Além de uma aparente resistência em especial sobre os acontecimentos que a levaram até o Asilo.

Durante esta primeira visita soubemos que ela estava na instituição a menos de um ano, porém não saberíamos precisar se houve diferença em seu comportamento e linguagem desde sua chegada ao Albergue até o momento em que começaram as sessões de conversa e observação. O único testemunho que possuíamos era o relato do prontuário que ressaltava sua lucidez e facilidade de expressão. Entretanto, aos poucos durante as sessões semanais, fomos

⁷ Poucos são os que se interessam por leitura, noticiários, novelas ou acontecimentos fora do ambiente asilar (ou mesmo de dentro) de maneira geral, eles falam do passado ou mantêm uma conversa de nível superficial social comandada pelo visitante que é quase um “entrevistador”.

percebendo algumas mudanças na sua capacidade de percepção que ficava mais evidente quando comparamos as sessões iniciais com as mais recentes. E depois de apenas seis meses de conversas e visitas, GM mostrou um visível declínio de percepção e até expressão linguística, materializadas em suas conversas e comportamento. O que corrobora os estudos sociais e linguísticos apontados no capítulo “Instituições de Longa Permanência”.

DADO 1: “Esse ano mesmo...” Data: 16/07/2014

Sigla do locutor	Transcrição	Observações Sobre as Condições de Produção do enunciado	Observações Sobre as Condições de Produção do Enunciado Não-verbal
	RECORTE		
Ikb	A senhora lembra o ano em que veio para cá?		
GM	O ano?		
Ikb	Rum...consegue se lembrar assim a época em que veio?		
GM	Foi esse, esse, foi esse ano mesmo.		
Ikb	Este ano?		
GM	Foi esse ano mesmo. Esse ano mesmo.		

No episódio acima, que corresponde a primeira sessão com GM e estávamos travando conhecimento, ela demonstra que percebe o tempo passado na Instituição, embora ela tenha chegado no ano anterior em que a sessão ocorre, ela estava na Instituição havia 8 meses, ou seja, dentro de um ano.

Em outros dados iniciais, percebemos também seu reconhecimento do lugar como uma instituição não-familiar, mas de reabilitação ou mesmo asilar, mas não sabe exatamente como identificá-la:

Dado 2: “Cadê a sua companheira de quarto?” Data: 23/07/2014

	Transcrição	Observações Sobre as Condições de Produção do Enunciado	Observações Sobre as Condições de Produção do Enunciado Não-verbal

Ikb:	E cadê a sua companheira de quarto lá, D. Cecília? Cadê ela?		Apontando para o quarto onde GM dorme
GM	tá lá...	demonstrando certa confusão e dúvida	
Ikb:	Tá lá? Tá no quarto?		
GM	hum?		
Ikb:	Em sua casa lá?		Apontando em direção ao quarto que GM divide com outras senhoras
GM	“Dona Santa?”		
Ikb:	Sim		
GM	Ela chegou?		
Ikb:	Ela tinha saído foi? Ela não mora em sua casa? Lá do lado de sua cama? Ou saiu de lá?		
GM	Sei não..	faz uma longa pausa com ar pensativo	
Ikb:	Está tentando lembrar?		
GM	Tô tentando me lembrar...eu queria lembrar...visitar as meninas...as meninas me ensinou coisa para fazer em casa, sabe?		
Ikb:	sei...		
GM	(fala incompreensível) ...fechada nem aberta para ninguém bulir...		
Ikb:	para não mexerem, né?		
GM	: É, para não mexer...		
Ikb:	E em qual dessas casas a senhora mora?		
GM			Sorri, mas não responde
Ikb:	Acho que é na amarela. Ou é na azul?		
GM	Tá com um relógio bonito.		Apontando para o braço de IK

Quando perguntada por onde está “D. Cecília”, inicialmente GM fica confusa, pois tem o hábito de “batizar” as pessoas com nomes que têm algum significado para ela. De fato, o nome de D. “Cecília” não é o nome da companheira de quarto a quem Ikb quer se referir, mas é o nome pelo qual GM a apresentou na primeira sessão, então a investigadora o utiliza esperando que GM saiba a quem se refere. Mas, como esta companheira de quarto não é a única pessoa a quem GM denomina assim, ela fica confusa e numa tentativa de estabelecer um entendimento, pergunta se Ikb está se referindo a “Santinha”, outro codinome utilizado para designar todas as pessoas que ela considera “boa”, mas que no quarto é reservado para a companheira de cama mais próxima. (que, de fato, se chama Laura) Entretanto, nesse caso, também há uma confusão suscitada pela pergunta de Ikb que aponta a “D. Cecília” como “companheira de quarto de GM”, por ignorar qual a relação considerada por GM entre ela e sua vizinha de cama no quarto. Quando a investigadora percebe a confusão de GM, ela tenta outra estratégia denominando o quarto dividido pelos internos como “Casa”, mas fica claro também que para GM o lugar não é como um condomínio ou coisa que o valha.

E mais ainda, o lugar não tem um pertencimento, por isso expressões como “quarto”, “salas” ou “cômodos” que se referem a uma casa familiar não se encaixa na instituição para GM. Ali é necessário “guardar” os pertences de pessoas estranhas, neste caso, os outros moradores do asilo e visitantes, pois, as roupas pessoais devem ter nomes escritos, já que todas são lavadas na lavanderia coletiva da instituição e depois divididas, muitas vezes, levando em conta o tamanho e sexo da pessoa, muitos ali não têm “pertences particulares”. E GM mostra a sua necessidade de preservar um pouco de sua individualidade dizendo que aprendeu com “as meninas” como guardar os objetos particulares. “As meninas” mencionadas, pode-se referir às atendentes do abrigo, pois, GM se reporta a elas assim em outras ocasiões. Por outro lado, este termo também é utilizado por ela para se referir as filhas de D. Laura, citadas em conversas entre ambas. Em razão da conversa, neste momento, girar em torno de D. Laura, nos parece que a alusão está mais para suas filhas, que segundo GM, visita sempre a mãe e as levam, D. Laura e GM, para passear. (Eventos não confirmados pelos funcionários da instituição)

Importa sinalizar que, durante a conversa, a Investigadora não consegue entender exatamente sobre o que GM quer dizer quando afirma que “as meninas” lhe ensinou “coisas para fazer em casa”, neste momento, como interlocutora, percebe-se que ela se vale de um marcador conversacional “sei” para estimular GM a continuar o relato, na tentativa de entender exatamente sobre o que GM quer dizer quando afirma que “as meninas” lhes estabelecer um entendimento do que parecia não

ter conexão e, logo depois, repete a frase de GM, “para não mexerem, ne’?” tentando aparentar que entende o relato e prosseguir o diálogo. Nos dois casos, Ikb produz Marcadores Conversacionais (MC), que segundo Marcuschi (1999, p. 40), “leva o falante a se ‘soltar’ mais e a desenvolver seus tópicos com mais minúcias”. Embora, a Investigadora não perceba sua própria estratégia conscientemente, enquanto interlocutora, senão depois, com o olhar de pesquisadora e tendo em mãos outras sessões que a fazem compreender a partir de outros indícios.

Percebemos que, em seguida, GM usa a palavra “casa” para nomear o quarto coletivo, procurando instituir uma relação de entendimento com a Investigadora que apontou o lugar como “casa”. Isto mostra que GM está atenta ao “jogo” que se institui como uma conversação, um diálogo. Atentemo-nos para o fato de que a investigadora usa a mesma estratégia no início da conversa quando se refere à amiga de GM, “D.Laura” designando-a por “D.Cecília”, porque acredita que assim será compreendida. Daí é a vez de GM conferir a informação, quando pergunta: “D. Santa?”.

O episódio, a seguir, confirma as impressões que GM tem sobre o lugar onde está.

Dado 3: “É um Hospital” Data: 06/08/2014

(CONTEXTO: IKB e GM estão no jardim do Asilo, de onde dá para ver toda a movimentação da instituição e todos os cômodos. Eles acabaram de se banhar e tomar o desjejum e estão tomando sol no pátio)

Sigla do locutor	Transcrição	Observações Sobre as Condições de Produção do Enunciado	Observações Sobre as Condições de Produção do Enunciado Não-verbal
Ikb	Que lugar é este GM?		
GM	Esse lugar aqui?		
Ikb	Sim, aqui onde a senhora fica...		Apontando toda a extensão do albergue
GM	É um hospital.		
Ikb	Um hospital?		
GM	É sim.		

Ikb faz a pergunta com o propósito investigativo, pois em outras conversas, GM já havia demonstrado certa confusão sobre o lugar. E a resposta está bem próxima da aparência do local. Toda a dinâmica do Asilo, a presença constante das assistentes de enfermagem, os

voluntários vestidos de branco, os objetos compartilhados, os aposentos coletivos, oferecem respaldo para a impressão de GM, que tem o Hospital como referência em sua vida, pois, era enfermeira, conforme relatado em seus dados e lembrado muitas vezes em suas conversas. Além do fato dela ter chegado ali debilitada, física e emocionalmente, devido aos maus-tratos, estando ainda em processo de recuperação. Ainda que o asilo lhe ofereça o abrigo necessário e seja considerado um “Porto Seguro” (O que veremos em outros dados a seguir), ele apresenta os aspectos estruturais, normas e regras de uma instituição em regime de internato.

Ademais, levamos em conta que GM nunca esteve num abrigo antes, então procura indicar a instituição que considera mais próxima de sua realidade, pois, como já citamos em seus dados, o ambiente hospitalar é conhecido de GM que foi enfermeira e de cuja profissão fala com muito orgulho.

Embora demonstre lucidez e perspicácia vez por outra foge do tópico conversacional, estas “escapadas”, entretanto, parecem ser propositais, muitas vezes, porque elas se revelam quando o assunto é a saída do Albergue ou quando ela acredita que pode sair da Instituição.

Dado 4: “Vou ficar aqui mesmo com D. Santa” Data: 10/09/2014

CONTEXTO: GM e IKB passaram bastante tempo conversando no salão de festas da Instituição, onde GM já se encontrava quando IKB chegou.

Sigla do locutor	Transcrição	Observações Sobre as Condições de Produção do Enunciado	Observações Sobre as Condições de Produção do Enunciado Não-verbal
Ikb	A senhora quer ir para lá ou quer ficar aqui mesmo? Eu vou embora agora, mas a senhora quer que eu a leve para algum lugar?		Apontando o quarto
GM	Não		
Ikb	Vai ficar aqui mesmo?		
GM	Vou ficar aqui mesmo com D. Santa.		
Ikb	Cadê D. Santa?		
GM	D. Santa tá na casa dela, que ela fez, que ela fez...uma casa...e vai morar na casa.		
Ikb	O que eu tô perguntando é se a senhora quer ficar aqui nessa sala, se quer ir para o quarto ou		Apontando para pátio

	ir lá para fora...		
GM	Eu não quero “simbora” para canto nenhum. Quero ficar aqui com D. Santa e as meninas.		
Ikb	Entendi. Se a senhora não quer ir para o corredor ou seu quarto. Deixo a senhora aqui mesmo.		
GM	Então, deixa.		

GM se sente segura na Instituição e cada vez que se aborda o assunto de sair de um lugar para o outro, ela demonstra temor de sair do albergue. No dado acima, Ikb, pergunta se GM gostaria que “ela a deixasse em algum lugar”, como elas estão no salão de festas e GM está fazendo uso de cadeira de rodas - devido ao risco de quedas que sofre - a investigadora está se oferecendo para empurrar a cadeira para algum local da própria Instituição: o pátio ou mesmo o quarto de uso comum, mas GM entende que Ikb a está convidando para sair da Instituição. Neste momento, observamos uma bifurcação do tópico conversacional, pois, enquanto a investigadora entende a saída como o deslocamento de um lugar para o outro, no espaço asilar, GM entende que Ikb está se oferecendo para levá-la para outro local, longe da instituição. E o que leva a este desentendimento para GM é, primeiramente, a expressão “vou embora”, usada por Ikb e depois, repetida como negação por GM em, “não quero ‘simbora’ para canto nenhum” e, mais adiante, o termo usado pela investigadora “fora”. “Fora” é sempre entendido como sair da Instituição. Para Fávero (1994), o sentido é construído durante a interação e se assenta em vários fatores como conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, circunstâncias em que ocorre a conversação, pressuposições e outros. Neste caso, as interlocutoras dão sentido diferentes às expressões usadas, e a investigadora, enquanto interlocutora, não se atenta para o fato de que estão em tópicos diferentes, ou seja, que não há uma correspondência, mais uma vez, Ikb só se dá conta disso ao averiguar os dados em outros momentos, quando GM deixa aparecer por meio da linguagem como compreende o espaço asilar. Veremos isso com mais propriedade no **Dado 5**.

Notemos que GM repete a frase “ela fez, ela fez”, demonstrando nervosismo e faz uma pausa para pensar no argumento de recusa porque entende que Ikb quer levá-la para outro lugar fora do Asilo. Ela tenta convencer Ikb que “D.Santa” fez uma casa e que ela vai morar na “casa” com D. Santa. Segundo Koch, (1998) a repetição pode ser uma tática utilizada na construção do texto oral e é utilizada frequentemente em conversações cotidianas de construção do texto falado, uma vez que ela pode ser utilizada como técnica para a reformulação na linguagem interativa. Neste caso, a repetição é assim considerada uma

estratégia utilizada por GM, como um reforço de convencimento e, ao mesmo tempo, se observa que ela quer ganhar tempo para concluir o argumento.

O próximo dado reforça a questão da resistência de GM em sair do Asilo.

Dado 5: “Oh, mas eu não posso sair, não....” Data: **12/11/2014**

CONTEXTO: Ikb está com GM e DL (companheira da cama ao lado com quem divide o quarto com mais outras seis mulheres) no quarto delas, a uma certa altura da conversa, Ikb convida GM para ir até a Universidade conhecer o grupo de linguagem, GM reage com desconfiança e medo.

Sigla do locutor	Transcrição	Observações Sobre as Condições de Produção do enunciado	Observações Sobre as Condições de Produção do Enunciado Não-verbal
Ikb	Deixa eu te falar		
GM	Sim		
Ikb	A gente faz um grupo de linguagem lá na universidade. Vão várias pessoas assim...é...para conversar com os professores, com os alunos..		
GM	É?		
Ikb	É. Eu queria levar a senhora lá um dia...Será que eles deixam?	Referindo-se a direção do Albergue	
GM	Num é eles deixar...É..eu não poss...num poder ir!		
Ikb	Por quê?		
GM	Porque não me sinto bem!		
Ikb	É? Por quê?		
GM	Porque eu sinto meu corpo todo dolorido..		
Ikb	Mas, vamos de carro...		
GM	Vou não!! Estou doente!!	Com ênfase	Põe-se de pé
Ikb	Doente de quê?		
GM	Oh, meu Deus!! Olha aqui....estou cheia de coceiras no corpo todo. Tenho		De pé, começa a levantar a blusa até

	coceiras nas pernas, no peito, na barriga, na vagina, no corpo todo!!		a altura da cabeça para mostrar marcas de coceiras inexistentes.
	RECORTE		
GM	Õh, mas eu não posso sair, não...		
Ikb	Sim, como a senhora veio para cá?		
GM	Eu cheguei bem, num foi “D. Santinha”?	Voltando-se à colega de quarto	
Ikb	Sim, mas a Sra. veio de carro de quê? De carro?		
GM	de carro, foi. Vim de carro...vim com mamãe. Eu vim de carro D. Santinha.		
DL	Pois é, e a Sra. não quer ir? Se ela não quiser, eu vou.	Referindo-se ao convite feito por IK, para visitar a Universidade	
GM	:...Com mamãe, aqui...para a sua casa...	Falando com D. Santinha e referindo-se ao quarto/albergue	
Ikb	Foi?		
GM	Foi...num..eu não quis sair de lá de minha casa da:de:de:...como é...como é...o cumé o nome? Que eu era pernambucana!!		
Ikb	De Recife!		
GM	De Recife...de Recife, sim. Eu num tinha saído não.		

Nesta sessão, a investigadora tenta convencer GM a ir ao encontro do ECOA⁸ com outros participantes da pesquisa de área da linguística da Universidade. A intenção era observá-la num ambiente fora do habitual. Mas, a reação dela ao convite e as reações observadas no **Dado 4** e em outras ocasiões, leva-nos a interpretação de que GM sente-se

⁸ Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECO), do Centro de Convivência e Intervenção em Neurolinguística (CeCIN/LAPEN/UESB)

segura no asilo e, para ela, não há outro lugar onde possa sentir-se mais segura. Ela não tem parentes vivos próximos, e no lugar de onde foi resgatada pela direção do albergue ela era maltratada pela cuidadora.

A resposta de GM ao convite para o passeio é incomum na Instituição, pois, a maioria dos internos sentem o desejo de sair, passear e visitar seus familiares. Aqui constatamos uma reação aparentemente inversa do que se pretende encontrar neste tipo de instituição. Não obstante, como vimos em Foucault, a disciplina exercida nas instituições torne os “corpos dóceis”, a maioria dos internos se animam com a possibilidade de sair do albergue mesmo que sejam para dar um pequeno passeio, _ o que pode ser constatado pela reação de sua colega de quarto DL, que logo se prontifica a ir em seu lugar. Apenas uma pequena parte não se animaria com a ideia, mas a reação exacerbada de GM ao ser convidada para a reunião na Universidade chama a atenção para o que a instituição representa para ela: embora seja obrigada a viver a disciplina de horários rígidos e rotina arbitrária, a contrapartida da reclusão institucional é a proteção contra a vilania e os maus-tratos sofrido nas mãos de pessoas também desconhecidas e sem parentesco. Para GM, o abrigo representa o utópico lugar descrito no livro “Nosso Lar”: um local seguro destinado a recuperação.

No próximo Dado, temos um exemplo da falta de interação entre os moradores do abrigo. A própria GM reconhece este fato.

Dado 6: “Aqui ninguém presta assunto com o outro” Data: 19/11/2014

CONTEXTO: GM e Ikb estão na porta do refeitório conversando quando passa uma moça e GM pergunta para Ikb quem é ela.

Sigla do locutor	Transcrição	Observações Sobre as Condições de Produção do enunciado	Observações Sobre as Condições de Produção do Enunciado Não-verbal
Ikb	Já passou ... olá oh tá entrando na sala ... já era (risos) ... Ela entrou lá na sala de festas no salão de festas ... num passa mais não ... Aqui tem tanta gente que não dá mesmo pra senhora saber o nome de todo mundo não		
GM	Dá não dá não		
Ikb	E todo dia vem gente diferente		

GM	É		
Ikb	Num é?		
GM	É ... todo dia		
Ikb	Eu venho toda quarta		
GM	Agora é ... agora eu quero saber ... pergunta assim as vezes ... uh é como você se chama ... aí é:: ninguém sabe ... depois eu digo (risos). O que eu sei o nome dele ... Eu não quero saber brincadeira com seu nome não, diga você	Diz como se tivesse reproduzindo a fala de outra pessoa	
Ikb	Que não diz? Quem é esse que não diz?		
GM	Eu não:: diz não		
Ikb	Quem é que não diz o nome? ... Pra quem que a senhora pergunta o nome e a pessoa não diz o nome, quem é?		
GM	É muita gente aqui		
Ikb	É?		
GM	É		
Ikb	Ah! Das pessoas que moram aqui também com a senhora		
GM	Também		
Ikb	Ah:: ... moradores do Albergue ... as vezes não diz o nome né?		
GM	É ... de jeito nenhum diz o nome, sabe?		
Ikb	Hum::		
GM	De jeito nenhum ... a senhora sabe tem muito nome de jeito nenhum que me deu na minha cabeça assim ... meu Jesus meu Jesus Cristo		
Ikb	Aí a senhora inventa um nome?		
GM	É	risos	
Ikb	Ele não fala o nome e a senhora inventa um nome né?		
GM	É	risos	
Ikb	É que tem uns que não tá entendendo mais as coisas não		
GM	É::		
Ikb	Tem uns que a senhora pergunta o nome mais eles não estão entendendo		
GM	É		
Ikb	A senhora já percebeu isso né?		
GM	Já		
Ikb	Pois é, não tá nem aí		
GM	Algumas vez ... porque é que:: que:: essa criatura de Deus num que me dá o nomo pra eu saber ... pra conversar com com todos ... dizendo conversinha de nomo dizendo o nomo, num é?		
Ikb	É		
GM	Pra eu saber ... sabe?		

Ikb	Sei ... sei		
GM	É::		
Ikb	É isso mesmo tem uns que não entendem muito não		
GM	Num entendem não		
	RECORTE		
Ikb	O que você faz aqui fora do horário das refeições e do banho? Quando tem tempo livre.	risos	
GM	Quando não tem nada para fazer, eu durmo	risos	
Ikb	A senhora dorme?		
GM	É, aqui ninguém presta assunto com ninguém, aí eu durmo		

GM gosta de conversar e interagir. Tanto é que ao buscar a autorização da instituição para a pesquisar, ao conversar com a enfermeira-chefe sobre o trabalho, ela imediatamente indicou GM como sujeito, sugerindo que ela faria um trabalho do tipo interacional render mais. De fato, GM fica atenta ao que está acontecendo ao seu redor e tem opinião sobre muitos dos internos. Ao contrário da maioria, tem o desejo de se relacionar com os outros internos, mas encontra uma barreira desde o início quando procura entabular uma conversa, começando pelo trivial – perguntando o nome – a maioria não responde e ela entende que uma boa parte dos internos não compreendem a pergunta, o que a impede de iniciar um diálogo. GM resume sua frustração no último turno, quando a investigadora pergunta o que ela faz no tempo livre: “ “aqui ninguém presta assunto com ninguém, aí eu durmo”.

Conversando por algum tempo com GM observamos que ela é inteligente e perspicaz, mas tem algumas dificuldades linguísticas que podem levar algumas pessoas a desistirem de um diálogo, uma das quais está no nível da pronúncia devido à falta dos dentes - segundo ela, a prótese se quebrou numa queda no asilo – algumas palavras são pronunciadas com dificuldade e é necessário um certo esforço de seu interlocutor para bem compreender. Outro aspecto são as frases e palavras aparentemente sem a devida coerência, anacolutos, que percebemos em sua fala quando forma períodos mais longos, tentando explicar um evento ou situação como vemos acontecer, por exemplo no **Dado 6**, acima: “para conversar com com todos...dizendo conversinha de nomo, dizendo o nomo, não é?”

Segundo a enfermeira-chefe, GM recebeu o diagnóstico de DA⁹, descrito em seu prontuário, por meio de observação do corpo de enfermagem e dos técnicos que atendem no

⁹ A demência de Alzheimer foi primeiro descrita pelo psiquiatra alemão Alois Alzheimer, em 1906, quando analisou pela primeira vez o quadro de sua paciente Auguste D. de 51 anos, que apresentava dano cognitivo progressivo, alterações de memória e alterações linguística. A comprovação da doença só foi possível mediante ao exame de autópsia.

abrigo. Entretanto, desde a primeira entrevista com GM, até a última, realizada ainda no decorrer da escrita deste estudo em treze de agosto de 2015, observamos que mantinha ainda suas funções executivas, aliás, não utiliza mais da cadeira de rodas para se locomover, procura manter um diálogo com visitantes e com DL, a única interna com quem consegue uma certa interação e com quem procura manter uma relação de amizade. Na ocasião, apresentou-nos o novo espaço, explicando a função de cada lugar.

Como no último dado mostrado, ainda tem certa dificuldade em lembrar dos nomes de tantas pessoas que, segundo ela visita e trabalham na instituição, entretanto, ela distingue os voluntários constantes dos trabalhadores e dos visitantes esporádicos. Reconhece os primeiros, embora, não pelos nomes. Àquelas que conhece e não se lembra o nome, designa-as, geralmente, de “Santa” ou “Santinha”, sempre para as figuras femininas, aos homens cabem a designação por função: enfermeiro, faxineiro. Lembrando que faz estas designações com consciência.

No dado a seguir, podemos ver algumas situações em que GM utiliza a designação de “Santa” ou “Santinha”:

Dado 7 : Eu? Desde criança...desde que nasci que aprendi falar que adorava Jesus!

Data: **03/12/2014**

CONTEXTO: É hora do banho de sol e GM está no pátio junto com DL e outros internos. Quando chegamos, tocava uma música de teor religioso no sistema de som.

Sigla do locutor	Transcrição	Observações Sobre as Condições de Produção do Enunciado	Observações Sobre as Condições de Produção do Enunciado Não-verbal
Ikb	Como é o nome dela GM?		Apontando para DL
GM	É... eu chamo ela D. Cecília...mas, não sei o nome dela	Risos	
Ikb	O nome dela é DL!		

O diagnóstico da DA pode preencher dois critérios, a saber, o *provável* e o *possível*. O indivíduo que preenche o diagnóstico *provável* da DA é analisado clinicamente por meio de exames laboratoriais e de neuroimagens, como a Tomografia Computadorizada e a Ressonância Magnética (RM), excluindo assim outras formas de demências, esses exames revelam atrofia da formação hipocampal e do córtex cerebral, de distribuição difusa ou de predomínio em regiões posteriores. (CARAMELLI & BARBOSA, 2002). O diagnóstico de DA *possível* é dado quando o indivíduo apresenta “variação na forma de apresentação ou evolução clínica e também nos casos em que outras condições de produzir demência estejam presentes, porém sem serem consideradas, com base em um juízo ou experiência clínica responsável pelo quadro demencial.” (CARAMELLI & BARBOSA, p. 8, 2002). Nitrini *et al* (2005) ressaltam que o diagnóstico de DA inclui necessariamente o comprometimento de pelo menos uma função cognitiva além da memória, tais como funções executivas, linguagem ou a atenção seletiva e dividida, essas são as mais precocemente acometidas depois da memória.

GM	DL! Eu não lembro, chamo ela de D. Cecília e às vezes de Santinha, né Santinha. E ela responde.	Repete o nome bem devagar. Virando-se para DL.	
DL	É	Assente com a cabeça	
Ikb	Mas, o nome dela é DL		
GM	É um nome difícil, mas agora vou lembrar...	Risos	
	RECORTE		
Ikb	As meninas fizeram uma engenharia aí, para a senhora apoiar as pernas		Referindo-se a um apoio improvisado feito com um cachecol no lugar do apoio para os pés da cadeira de rodas.
GM	A turma aqui, né?		
Ikb	A turma tem que ser engenheira também		
GM	a turma aqui é, é santa, turma santa		
Ikb	é		
GM	de Jesus!		
	RECORTE		
Ikb	trouxe as pilhas para ela que eu tinha prometido para DL colocar no rádio		
GM	Tava sem pilha é?		
Ikb	é, estava		
GM	agora ela troca e pode ouvir de novo a radiação		
Ikb	é, ela gosta de música, né?		
GM	ela adora!! Adora as coisas dela é tudo ma é tudo imaginada com Deus	Emocionada	
Ikb	é, né?		
GM	é. A senhora também acredita muito em Deus?		
Ikb	eu acredito		
GM	sim!		
Ikb	muito!		
GM	está certo!		
Ikb	A senhora também?		
GM	Eu? Desde criança...desde que nasci que aprendi falar que adorava Jesus!		
Ikb	Muito bem, eu também.		

A religiosidade é uma questão central no comportamento de GM e porque não dizer, na aceitação de sua condição de vida atual e anterior. Desde o início, ela demonstra ter sido criada por uma família tradicionalmente religiosa, quando fala da mãe refere-se a ela quase com adoração e muitas vezes profere agradecimentos como preces.

No *dado-achado*, acima exposto, observamos uma ocasião em que GM explica porque usa outra denominação para designar as pessoas: quando não sabe o nome ou quando não se lembra, depois, no segundo recorte, ela mostra o significado que dá ao termo “santa”/”santinha”, sentido mesmo religioso e ligado às pessoas que promovem boa ação. No terceiro recorte, ela é mais incisiva em sua expressão e fala de maneira apaixonada sobre sua fé. De certo modo, fica entendido porque ela usa este codinome e não outro. Retomamos aqui a questão da palavra não apenas com a função de nomear as coisas, mas de dar sentido a elas, uma vez que, segundo Luria, “a palavra designa as coisas e individualiza suas características. Designa ações, relações, reúne objetos em determinados sistemas. Dito de outra forma, a palavra codifica nossa experiência” (LURIA, 1986, p. 28).

Já nos recortes a seguir notamos, na fala de GM outra característica, uma ira indignada, pouco presente em toda a investigação.

Dado 8: “Respeito!” Data: **21/01/2015**

CONTEXTO: No primeiro recorte GM, DL e Ikb estão falando sobre o gosto de DL para bijuterias e DL fala sobre uma pulseira que sumiu no asilo. No segundo recorte, GM está falando sobre o fato de achar errado funcionários do sexo masculino dar banho nas idosas da instituição.

Sigla do locutor	Transcrição	Observações Sobre as Condições de Produção do enunciado	Observações Sobre as Condições de Produção do Enunciado Não-verbal
DL	Até hoje nunca achei		
Ikb	a que sumiu, né?		
DL	sim, a que sumiu		
Ikb	Deve ter deixado em algum lugar...às vezes tava na bolsa caiu		
GM	O lugar sabe o qual é? É o enxerimento, uma safadeza da de uma que qualquer aí por aí...afoita aí de bolir nas coisas alheias.		

Ikb	Será GM?		
GM	É, aí pegar e levar! E depois vem com conversa “eu vou te entregar”..”eu vou te entregar” eu vou te entregar que nada, cachorra! Cê tá é com vontade de levar!!		
Ikb	tá brava hoje, hein? Tu tá brava hj!!	Rindo, surpresa.	
DL	ela xinga mesmo!		
	RECORTE		
GM	Enfermeiro não é para ficar dando banho nas mulheres catucando fazendo coisa feia com as mulheres não Vai pra fora quem fizer isso	fala exaltada	
Ikb	É		
GM	Respeito!		
Ikb	É		
GM	Precisa respeito! Né?		
Ikb	É		
GM	Não é se aproveitar das ocasiões para tal, não! Viu? Né?		
Ikb	É, pode não, você tá certa! Tem que respeitar, né GM		
GM	É tem que respeitar se não respeitar vai pra rua!		

Vimos, com surpresa, a indignação de GM por um fato suposto: alguém poderia ter levado a pulseira de DL. GM responde à teoria de Ikb de que a pulseira pode ter caído da bolsa com ira. Sua fala parece a imitação de outra situação vivida, relata como se estivesse falando com alguém de uma situação real e não hipotética. Usa o mesmo tom ao falar dos enfermeiros que dão banho nas idosas, um tom imperativo de quem já esteve em situação de impor condições. A fala de DL, “ela xinga mesmo”, dá a entender que essa atitude de GM não é incomum em seu comportamento.

Dessa forma, pudemos entrever um pouco da própria GM no passado, antes que tivesse sua condição física e psicológica abatida pela degeneração emocional causada pelo trauma psicológico e sua degeneração física, causada pelo jugo e vilania das cuidadoras.

Notamos que os assentimentos da investigadora servem como estímulo para GM, ela espera esse respaldo e confirma com outro MC “Né?”.

No próximo turno, selecionamos alguns dados, *dados-achados* em atenção à relação de GM com o intercurso de sua vida entre o trauma ocorrido durante a festa no hospital em que trabalhava, até a chegada ao asilo:

Dado 9: “Aqui, ela morreu”

Data: 30/07/2014

Sigla do locutor	Transcrição	Observações Sobre as Condições de Produção do enunciado	Observações Sobre as Condições de Produção do Enunciado Não-verbal
GM	Onde a senhora mora?		
IKB	Eu moro aqui em Conquista. Agora, moro lá no bairro Sumaré.		
GM	Aqui, tem esse bairro, é?		
IKB	tem...		
GM	Sumaré, né?		
IKB	hã hã...		
GM	bonito o lugar. O nome do lugar, né?		
IKB	é..		
GM	Sumaré!		
IKB	Onde a senhora morava aqui. Lembra o bairro? Em qual bairro a senhora morava aqui? Não lembra mais?		
GM	Lembro que ela morreu logo, de derrame....		
	RECORTE		
Ikb	A senhora está aqui há pouco tempo, né GM?		
GM	Tô, tô. Depois que mamãe morreu...		
Ikb	Sim...		
GM	Meu pai morreu. Fiquei com o apartamento...deles, aí a min...minha irmã tomou conta. Eu tenho uma irmã que tomou conta, sabe?		
Ikb	Hum...		
GM	E disse que eu não ia ver apartamento mais, dar apartamento mais nunca, que ela ia passar de papel para ela. Ela não pode passar de papel para ela, porque ele é meu! Minha mãe deixou!	emocionada	

Ikb	É...mas, a senhora morou um tempo com o seu sobrinho, não foi?		
GM	Com...sobrinho?		
Ikb	Foi, o sobrinho da senhora que estava cuidando da senhora...		
GM	Não, ele veio para cá, porque (trecho incompreensível)também e ela, e ele morreu aqui..		
Ikb	Seu sobrinho?		
GM	E era fi...e ele morreu aqui. Sim, meu sobrinho, ele morreu, nã, no...aqui...		
Ikb	Aqui em Conquista, ele morreu		
	RECORTE		
GM	Aí, é você, você sozinha não dá certo, não...(trecho incompreensível)mas, eu vim com ela antes dela morrer. Ei vim com ela para aqui.		
Ikb	Sim		
GM	Aqui ela morreu		

Esses dados foram retirados da terceira sessão que tivemos com GM, e neles podemos observar que GM confunde o tempo e os lugares. Ela nunca esteve em Vitória da Conquista com a mãe, que faleceu muito antes que ela viesse para a casa da cuidadora na cidade. Se refere ao fato de a irmã ter tomado conta de seu apartamento como se isto tivesse se passado há pouco tempo. Mas há uma curiosidade no segundo recorte: Quando ela fala do sobrinho que cuidou dela em Vitória da Conquista, afirma que ele morreu. Fato que tinha sido escondido pelos funcionários da Instituição por recomendação da equipe de psicólogos voluntários que assistia ao abrigo. Mas, seja pela ausência sentida das visitas dele ou por outro motivo qualquer, ela conhece o que deveria ser segredo.

O período de tempo em que passou da morte da mãe, pelas mãos das cuidadoras, até o que antecede o seu reencontro com o seu sobrinho, são tópicos dos quais GM foge, ou mudando de assunto ou contando uma história diferente da relatada pelos funcionários do asilo. Algumas vezes, ela começava a se emocionar e se alterar com as lembranças e nestes momentos, nós é que mudávamos de tópico para evitar o sofrimento acarretado com as lembranças.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ambiente asilar, os internos têm poucas oportunidades de fazer uso da linguagem em situações cotidianas, pois, não vivem um contexto diversificado e a maior parte do tempo participam de atividades da rotina institucional. Não usam mais seu próprio dinheiro nem podem sair do albergue para passear por conta própria e nem mesmo escolher as roupas que vão usar no dia a dia. É um ambiente que podemos considerar estéril sob muitos aspectos, especialmente no que diz respeito à interação que leva à constituição do sujeito como singularidade.

As oportunidades de diálogo e de escolha são poucas e a rotina massificante. Como processos adaptativos, observamos o sentimento de perda, enfrentamento da realidade e a abdicação da autonomia pela segurança institucional.

Na Instituição em que se deu nossa pesquisa não há um programa específico de intervenção para promover a manutenção dos vínculos familiares. Também não há atividades que incentivem a integração e interação dos internos de modo que viesse a promover a autonomia. Com exceção de festejos tradicionais como Festas juninas, Natal e os ritos religiosos, que são constantes. Não há uma preocupação com o desenvolvimento, recuperação ou preservação da linguagem sob qualquer aspecto. Inclusive a abertura do asilo para estagiários de várias áreas que atuavam como voluntários, como fisioterapeutas, psicólogos e outros ficou restrita, pois, segundo a administração, eles tiveram problemas jurídicos no passado.

A pesquisa, feita à luz dos pressupostos teóricos metodológicos da Neurolinguística Discursiva, deixou-nos livres para observar o sujeito em questão, GM, levando em conta a sua história e o contexto atual. E o que a observação e os *dado-achados* nos contam é que GM luta para manter a sua subjetividade, mesmo que, paradoxalmente, aceite a submissão necessária das regras e regulamentos institucionais. Entretanto, não é difícil compreender esta relação aparentemente paradoxal quando seu estágio anterior é conhecido: vinda de uma situação de maus-tratos nas mãos de uma cuidadora para um lugar em que há uma preocupação com seu bem-estar físico. O albergue é um repouso para seu tormento físico e para o assédio moral.

Por isso, o que verificamos em GM nos meses em que a acompanhamos semanalmente e depois na última visita feita, foi um sujeito lutando para agir com e sobre a linguagem, mesmo num ambiente no qual ainda não há um investimento em práticas languageiras.

Podemos observar, comparando GM aos outros internos com quem tivemos contato durante nossa pesquisa, que como afirma Stern (2009), as pessoas que tiveram maior estimulação ao longo da vida, seja por meio educacional, realização profissional e atividade de lazer tem uma RC maior e isso aumenta-lhes a capacidade de retardar os efeitos da degeneração celular cerebral natural ou patológica e aumenta a capacidade de regeneração. Deveras, GM é um caso atípico na instituição, ela sabe ler, teve uma vida profissional ativa e, até onde se sabe, vem de uma família abastada, além de ter tido um relacionamento afetivo muito próximo com a mãe, até a morte desta. Entretanto, sabe-se que não apenas os contextos vividos no passado proporcionam a reabilitação e manutenção das funções cerebrais, mas é mister que o ambiente em que o indivíduo se insere proporcione a interação necessária para manter as atividades cerebrais por mais tempo. GM deixa claro seus esforços frustrados para interagir com os internos, de vencer esta barreira que estava lá antes dela, mas, ao mesmo tempo, aproveita todas as oportunidades de diálogo com os visitantes dispostos e de certo modo, ela tem superado a barreira com a ajuda de DL, sua vizinha de cama, a quem adotou como amiga e com quem consegue manter uma interação. De certa forma, por necessidade, GM agiu sobre o ambiente, buscando se manter como sujeito da linguagem.

Deste modo, julgamos a importância desta pesquisa para a compreensão, por parte da Instituições de Longa Permanência para Idosos, a necessidade de inserir práticas sociais que privilegiem as atividades languageiras, no sentido de que tais práticas podem possibilitar a “mobilização” de áreas cerebrais preservadas, na complexidade do sistema funcional cerebral. Destarte - e com base no princípio da solidariedade - pode ocorrer reconstrução não apenas da linguagem como também de outros processos cognitivos, levando o cérebro a buscar adaptar-se aos déficits por meio de fenômenos plástico-regenerativos.

Com o aumento da população de idosos e a demanda por Instituições como as ILPIs, é preciso compreendermos, como sociedade, que a qualidade de vida está para além de cuidados básicos de higiene, proteção e alimentação.

REFERÊNCIAS

- ANNUNCIATO, N. F.; OLIVEIRA, C. E. N. Influência da Terapia sobre os Processos Plásticos do Sistema Nervoso. IN: LIMA, C. L. A.; FONSECA, L. F. **Paralisia Cerebral – Neurologia – Ortopedia – Reabilitação**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2004.
- CARAMELLI, P.; BARBOSA, M. T. (2002). **Como diagnosticar as quatro causas mais frequentes de demência?** Revista Brasileira de Psiquiatria, 24(1), 7-10.
- Complementaridade?** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.)
- COUDRY M. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 1986/1988.
- COUDRY, M. I. H. **Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução**. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) *Estudos da Língua(gem)* Vitória da Conquista v. 6, n. 2 p. 7-36 dezembro de 2008.
- COUDRY, M. I. H. **O que é dado em neurolinguística**. In: CASTRO, Maria Fausta Pereira de. *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Unicamp, 1996. p. 22.
- COUDRY, M. I. H.; POSSENTI, S. **Avaliar discursos patológicos**. *Web revista: Discursividade*. ISSN - 1983-6740 Edição nº 7. Dezembro/2010. Disponível em: <http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/07/Arquivos/01%20Maza%20e%20Sirio.pdf>. Acesso em Julho de 2013.
- DICIONÁRIO de Ciências Sociais**. Coordenação de Benedito Silva. Rio de Janeiro: FGV, 1986.
- FÁVERO, L.L. **O Tópico Conversacional**. In: (org.) PRETI, D. **Análises de Textos Oraís**. Projeto NURC/SP. FFLCH/USP, 1993. P. 33 – 53
- FRANCHI, C. (1992). **Linguagem atividade constitutiva**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 22, Campinas, p. 9 – 39.
- FREITAS, M. T. A. **A Abordagem Sócio-Histórica Como Orientadora da Pesquisa Qualitativa**. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, julho/ 2002 *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 21-39, julho/ 2002.
- FREUD, S. 1916. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. Partes I e II. Ed. Standard, vol. XV.
- GINZBURG, C. **Sinais: Raízes de um paradigma indiciário**. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-180.
- IZQUIERDO, I. **Memória**. Editora Artmed. Porto Alegre, 2002.
- LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem**: As últimas conferências de Luria. Artmed Editora, São Paulo, SP. 1987.

MAGALHÃES, B.R. *Michel Foucault – Sexualidade, corpo e direito*. Marília: Cultura Acadêmica, 2011. P. 193 – 216

MARCOLINO, Noeli L. C. *(Des) Atenção e memória: um estudo de caso sob a perspectiva Neurolinguística*. Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista v. 6, n. 2 p. 145-170 dezembro de 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Atividades de Compreensão na Interação Verbal**. IN_ Estudos da Língua Falada: **Variações e Confrontos**. Org. Dino Preti, 2ª Edição: São Paulo: Humanitas Publicações FFLCHUSP, 1999.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou** NITRINI, R.; CARAMELLI, P.; BOTTINO, C.M.C.; DAMASCENO, B.P. *et. al.* **Diagnóstico de doença de Alzheimer no Brasil - Avaliação cognitiva e funcional**. In: *Arq Neuropsiquiatria*. 2005.

NOVAES-PINTO. R.C. **Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 55-64, jan./mar. 2012.

OLIVEIRA, M.K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

ROCHA, Irlandia Maria Serra Negra Coelho. **Memória, espaço asilar e representações: um estudo sobre narrativas de idosos**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.

SOUZA, L. F. A. **Disciplina, biopoder e governo: contribuições de Michel Foucault para uma analítica da modernidade**. In: Org. SOUZA, A.F.; SABATINE, T.T.; STERN, Yaakov. **Cognitive reserve**. Neuropsychologia, v. 47, p. 2015-2028, 2009.

TURRA NETO, N. **Enterrado Vivo: identidade punk em Londrina**. São Paulo, Editora UNESP, 2004A.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZANELLA, A.V.; REIS, A.C.; TITON, A.P.; URNAU, L.C.; DASSOLER, T.R.; **Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia**. Psicol. Soc. vol.19 no.2 Porto Alegre May/Aug. 2007. *On-line version* ISSN 1807-0310. *Disponível em:* http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822007000200004&script=sci_arttext Acesso em: 10/06/2015.